

# Suplemento Cultural

N.º 12

revista paulista de medicina

## Uma página de "Humor" de Mestre Aloysio

Dr. José Olympio Senna

Acredito que quantos se pronunciaram sobre o centenário de nascimento do Prof. Aloysio de Castro, ocorrido no dia 14 de junho último, tenham sido unânimes em ressaltar suas grandes qualidades morais e intelectuais como cidadão, médico, professor, poeta, orador, prosador e acadêmico, membro que foi da Academia Brasileira de Letras e da Academia Nacional de Medicina, além de pertencer a várias outras instituições culturais e científicas do país e do exterior.

Afrânio Peixoto assim se referia ao seu colega de academias e de magistrado: "Essa excelência do vosso mérito é tão evidente que, onde vos achais, reunião de confrades, congregação de doutos, congresso de sábios, sois a voz de vossos pares para tradução do sentimento ou das idéias comuns. Se as ocasiões são de responsabilidade, se falais a forasteiros ou a poderosos, colegas por convencer ou alunos a doutrinar, nunca vos esquecem entretanto as flores do espírito erudito e as graças de toada literária, citação própria e anedota adequada que esmaltam como gemas raras os vossos conceitos, no encanto de boa e bela concordância".

Manuel Bandeira considerava-o paradigma dos seus confrades na cultura clássica, na suavidade do convívio, na polidez das maneiras, como assinalou Josué Montello, para quem "mestre Aloysio tinha o talento das fórmulas felizes e mesmo num relatório de fim de ano, ou num breve improvisado a propósito de efemérides acadêmicas, ninguém saberia ser mais exato, mais elegante e mais apropriado".

Pois bem, a despeito de tudo isso, houve de uma feita quem se sentisse magoado com o Prof. Aloysio, o que a muitos parecia impossível de acontecer por se tratar de pessoa tão amável — a própria imagem do *homem cordial* brasileiro.

Foi o caso que, recebendo na Academia Brasileira de Letras o Sr. Celso Vieira, mestre Aloysio, a certa altura



Professor Aloysio de Castro — Foto tirada para o álbum de formatura da turma de 1936 da Faculdade de Medicina da então Universidade do Rio de Janeiro (Praia Vermelha), de que foi paraninfo e para o qual redigiu a seguinte inscrição: In Deo Spes, Medicina Salus.

do seu discurso de saudação, descreveu o que para ele seria o "manual do perfeito secretário", nos seguintes termos:

"Um secretário é tudo. É de todos o que mais trabalha e menos aparece, é o que organiza as coisas para a hora certa e move a roda. Mas não basta exatidão, meticulosidade e diligência. A função impõe-lhe especiais deveres, até no físico, que pede severidade e comedimento. O secretário é a descrição, a reserva, um homem que se não pode dar a expansões e precisa ter nos debates a que assiste a difícil virtude do silêncio. O entusiasmo da causa pode arrastar os outros, com altas vozes, ademanos e ainda mais. Mas o secretário, na cadeira, com lápis apontado, há de guardar a imobilidade da estátua. E a ata? Bem mais difícil ler uma ata do que ler um discurso. Ra-

malho Ortigão, mestre de elegâncias, queria poucos gestos nos discursos lidos. A gesticulação, em verdade, vem de seu, espontânea, surge com o que se diz. E então, se o discurso é lido, já o orador não experimenta, ao pronunciá-lo, essa emoção primeira da idéia nascente, que lhe despertaria o significativo complemento do gesto. Busque o orador, nessa circunstância, outros recursos da arte. Ler uma ata, à própria, é ler parado, com atitude gravemente inexpressiva, a voz como toada monocórdia. E se os ouvintes bocejam fastiosos, é saltar sutilmente as páginas, antes que cabeceiem e descaiam na letargia. Que habilidade em tudo isso!"

— E continuou o Prof. Aloysio (é possível que com uma ponta de malícia): "Na vossa brilhante e operosa carreira pública, Sr. Celso Vieira, a dignidade de secretário vos foi constantemente atribuída. Secretário de um Governador de Estado, secretário, por longos anos, da administração policial desta cidade, secretário da Conferência jurídico-policial, secretário da Comissão Codificadora das leis processuais do Distrito Federal, secretário da Conferência de limites inter-estaduais, secretário de um ministro de Estado, ainda agora acumulais as funções de secretário na Corte de Apelação e na Comissão de nomeações e promoções da justiça local. Evidentemente, uma predestinação ao secretariado".

O Sr. Celso Vieira não recebeu de bom grado essas palavras do discurso de saudação, que despertaram risos na platéia, atingindo-o em seus melindres, mas esperou pacientemente pela oportunidade do revide. Esta veio quatro anos mais tarde, ao assumir a presidência da ABL, na sessão de 28 de dezembro de 1939, quando ainda estava vivo (e talvez presente) o autor do malsinado comentário.

No discurso que então proferiu aos seus colegas, lembrou o novo presidente que, ao ser recebido por Aloysio de Castro, em 1935, este salientara, resumindo-lhe o longo tirocínio admi-

nistrativo, que o secretariado era a sua vocação e o seu fadário, o que provocou sorrisos discretos no auditório ilustre. Daí por diante, confirmando o vaticínio daquele colega, que exultava (sic) à hora das eleições, a Academia elegeu-o 2.º secretário, 1.º secretário e secretário-geral, quando pensou ter atingido o ápice do seu destino. Já aí achava ele que Aloysio de Castro, com o seu horóscopo, passava de médico a astrólogo, trocando a semiologia pela astrologia. Mas, felizmente para o orador, falharam essas previsões, que lhe impunham o secretariado como predestinação, e ei-lo presidente da Ilustre Companhia, a qual, retificando benevolmente o juízo oracular, houve por bem conferir-lhe essa alta investidura — “uma das genuinamente nobres situações morais do país — como a definiu o Conde de Afonso Celso”. Nessa hora, Celso Vieira criou alma nova e acreditou ter dado resposta condigna a mestre Aloysio.

Por morte de Celso Vieira, foi eleito para a cadeira n.º 38 da ABL o Prof. Maurício de Medeiros, catedrático de psiquiatria da então Faculdade Nacional de Medicina, o qual, na solenidade de posse, em 9 de agosto de 1955, deu sua interpretação sobre aquele fato.

Assinalou ele dois traços psicológicos na personalidade do seu antecessor: “impressionante auto-estima e uma grande suscetibilidade”, a tal ponto que guardou durante anos o ressentimento causado por um sorriso coletivo para dele vingar-se quando a ocasião lhe pareceu oportuna. Na realidade, porém — admitiu Maurício de Medeiros — quando Aloysio de Castro disse que o secretariado fora uma predestinação na vida de Celso Vieira, a assistência sorriu de modo mais franco. Dando vasão a um sentimento recalçado, Celso Vieira — continuou o orador — estendeu-se em considerações sensivelmente irônicas sobre médicos e astrólogos, para concluir que o médico errara no seu prognóstico e o astrólogo no seu vaticínio, pois chegara à presidência da ABL a despeito dessas previsões.

Havendo sido aluno de Aloysio de Castro na turma que se diplomou pela Faculdade de Medicina da então Universidade do Rio de Janeiro em 1936, e a qual foi ele paraninfo, rendo minha homenagem à sua memória transcrevendo-lhe a página acima, revestida de fino “humor” e que provocou a réplica veemente de Celso Vieira, a qual fez reviver o episódio, dando-lhe maiores proporções pelo seu caráter de de-

sagrado, evidentemente exagerado, pois, segundo Maurício de Medeiros, o discurso de saudação não continha mais que uma alusão graciosa às suas atividades, com aquela graça e leveza de tudo quanto dizia Aloysio de Castro, graça e leveza que mantinham sempre a assistência em atitude de sorriso pelo prazer intelectual que elas lhe causavam.

Para mim, o discurso do Prof. Aloysio não trouxe nenhuma surpresa, uma vez que aquele mestre, dotado de excepcional cultura médica e humanística, possuía, além disso, grande senso of humour” e me recorde dos comentários com que amenizava o rigor da matéria médica, principalmente nas aulas de enfermagem, ao pé do leito dos doentes, quando dialogava com seus alunos. Não iria, assim, ficar impassível ante a queda que o autor de “Endimião” revelava para o secretariado... mas o restante do seu discurso prova que não tinha o intuito de menosprezar aquela quem dava no momento as boas-vindas acadêmicas, chegando mesmo a dizer-lhe, a propósito dos estudos de polícia científica reunidos no seu livro *Defesa Social* que, “em todas essas situações, sempre o secretário esteve de boas andanças com as letras”.

## Médicos-Poetas do Sudoeste Paulista

prof. Paulo Fraletti\*

Já adolescente sentira-me atraído pela poesia. E, talvez, por isso, em pleno curso de medicina, surpreendia-me quando tomava conhecimento de um médico-poeta, ou poeta-médico, mormente, se ilustre, fosse como médico, fosse como poeta. Causava-me admiração e surpresa ao saber que além da arte de Esculápio, dedicava-se também a arte de Apolo. Isso porque, de um lado, conhecimento científico-profissional, somava o de manifestação artística, a revelar maior categorização na hierarquia dos valores; de outro, porque me justificava e me desculpava com essas descobertas, por não me estar entregando integral e exclusivamente à Medicina, temeroso, provavelmente, de críticas e restrições a tal conúbio.

Tais achados se transformaram numa das minhas agradáveis preocupações tanto que, em meu discurso de formatura, ao falar das relações entre a Medicina e a Poesia, citei Rolleston, que encontra obra inumerável de médicos-poetas, Dana, de New York, que registrara, só nos Estados Unidos, 157 deles, e Achilles Cheveau, que identificara 478, entre antigos e modernos.

Em 1970, durante o III Congresso da Sociedade Brasileira de Escritores-Médicos, ocorrido em São Paulo, comuniquei que estava procedendo um levantamento, com intuito de escrever um

livro sobre médicos-poetas do Brasil, de caráter bibliográfico e, possivelmente, também, crítico-antológico. Pretensão que iniciei com uma conferência, em 8 12 1971, em São Paulo, no Centro de Estudos “Franco da Rocha”, quando, já havia relacionado 203 nomes de colegas de todo o Brasil.

De então para cá, identifiquei mais 181 que, somados aos anteriores, atingem já a 384, com obras publicadas ou, pelo menos, poesias esparsas, com predominância, obviamente, dos médicos-poetas sobre os poetas-médicos e os que têm se distinguido igualmente como médico e poeta. Minha soma, hoje, após 30 anos, ultrapassa de muito a de Dana, dos Estados Unidos, por mim citada em 1947.

Como comprovação honrosa para a profissão médica, darei uma curta relação, da qual, muitos deles chegam a surpreender que tenham sido médicos, bem como, outros, que, em tendo se distinguido, e muito, na medicina, hajam se dedicado à Poesia!

Dos que mais se consagraram como homens de letras: Gonçalves de Maga-

\* *Do Instituto Histórico, Geográfico, Genealógico de Sorocaba e da Academia Sorocabana de Letras.*

lhães, diplomata, que, com a publicação de “Suspiros Poéticos e Saudades”, revelara-se como pioneiro da escola romântica, no Brasil; Maciel Monteiro, também diplomata, igualmente romântico da primeira hora; Joaquim Manoel de Macedo, Manoel Antonio de Almeida, José Geraldo Vieira e João Guimarães Rosa, quatro grandes romancistas que também foram poetas, sendo que, cronologicamente, o autor de “A Moreninha”, foi o primeiro dentre os mais destacados do Brasil; Laurindo Rabelo, Luiz Delfino, Martins Fontes e Jorge de Lima, grandes poetas; Ramiz Galvão (lingüista) e Cláudio de Souza (teatrologista); Abílio Cesar Borges, Cesário Mota Jr, Caetano de Campos e Narbal Fontes, educadores ilustres; Pedro Luís Napoleão Chernoviz (de origem polonesa), Sacramento Blake, Pedro A. Pinto e Orsine Carneiro Giffoni, dicionaristas, sendo o último, autor do “Dicionário Bio-bibliográfico Brasileiro de Escritores Médicos”, com o qual tive a honra de integrar uma das diretorias do Departamento de Cultura Geral da Associação Paulista de Medicina; Joubert de Carvalho, compositor; Lopes Trovão, um dos 9 médicos, dentre 58 signatários do manifesto republicano de 1870, além de muitos, muitos outros,

Dos que mais se distinguiram como médicos, dentre os inúmeros; Clemente

Ferreira, José Pereira Pomes, Francisco de Castro, Aloysio de Castro, Fernandes Figueira, Antônio Austregésilo, Raul Briquet, Luciano Gualberto, Paulo da Silva Araujo, Vitor Godinho, Roquete Pinto, Carmo Lordy, Manoel de Abreu, Jacinto Godoy...

Isso, — repito — para citar apenas alguns dos mortos que, a apontar os vivos, incorreria em juízos comparativos na escolha, senão esquecimentos e omissões, que seriam interpretados como injustiça ou antipatia. Quantos, porém, não existem, mesmo entre os mortos, nos vários Estados, regiões e municípios, a sensibilizar nosso coração e a falar alto à admiração de nosso espírito.

Desejando, agora, participar neste Congresso (VII, da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, 1978), com um tema livre, selecionei da relação geral dos 384 médicos-poetas, um grupo pertencente a uma das regiões do Estado de São Paulo, o sudoeste, que corresponde à IV Região Administrativa, e conta com 59 municípios, tendo Sorocaba como sede. Dentre eles incluem-se o meu — Pereiras — um dos dois últimos municípios a serem criados ainda no Império. A razão é, pois, não somente intelectual (histórico-literária) mas, também, afetiva.

Sorocaba e Itú, Araçoiaba da Serra e Ipanema, Porto Feliz e Tietê, Tatuí, Guareí e Botucatu, Itapetininga e Itararé constituem, por muitas razões, um célebre núcleo heróico-histórico de São Paulo: a partida das monções do porto de Araraguaba, o arrojo bandeirante de ituanos (os Campos Bicudo) e sorocabanos (Pascoal Moreira Cabral e os Castanho de Almeida), as fazendas de criação de gado dos jesuítas (Guareí e Botucatu), as grandes feiras de muaras de Campo Largo, o ouro de Araçoiaba da Serra e o ferro de Ipanema, a indústria e transporte férreo de Itú e Sorocaba, o ensino Normal e Médico (Itapetininga e Sorocaba), a Revolução Liberal de 1842 de Diogo Antônio Feijó e Rafael Tobias de Aguiar, a Convenção de Itú, de 1873, e a resistência no sul-paulista, durante a revolução de 1932.

E não devemos esquecer que Guareí é a terra do grande e saudosos historiador e folclorista Aluísio de Almeida; que Sorocaba é o berço do poeta Moacir Piza; que Ipanema é a terra de Varnhagen, o maior dos nossos historiadores; que Itapetininga é a cidade natal do presidente e poeta Júlio Prestes de Albuquerque; que em Itú, segundo atesta Francisco Nardy Filho, nasceu o Regente Diogo Antônio Feijó; que engrandece Porto Feliz, a inteligência e a obra do linguista Othoniel Mota; que de Tatuí é o inolvidável poeta e romancista Paulo Setubal; que de Tietê são o poeta regionalista Cornélio Pires e o compositor Marcelo Tupinambá e, de Botucatu são Angelino de Oliveira, autor da saborosíssima “Tristezas do Geca”, e Aquiles de Almeida, poeta e pedagogo que viveu e se dedicou a Sorocaba.

Coligi até o momento, do sudoeste, 19 médicos-poetas, assim especificados,

segundo a cidade de nascimento: 1 de Sorocaba: Ciro Vieira da Cunha; 5 de Itú: Cesário Mota Junior, Francisco Antônio Nardy, Francisco Licínio de Almeida Prado, Antônio de Almeida Prado e Carlos Prado; 1 de São Roque: Cláudio de Souza; 1 de Tietê: Narbal Fontes; 2 de Itapetininga: José Pereira Gomes e Umberto Pascale; 1 de Botucatu: Astrogildo Cesar de Oliveira; 2 de Avaré: José Esteves e Ulisses Lemos Torres; 1 de Itaberá (antiga Faxina): José Nascimento de Almeida Prado; 2 de São Manoel: Caio Simões e Enzo Rugai e, 3 de Pereiras: Carmo Lordy, Afonso Henriques de Melo e Paulo Fraletti.

Daremos, agora, de cada um deles, alguns informes.

**CIRO VIEIRA DA CUNHA** — Natural de Sorocaba, onde nasceu em 1897. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1922. Foi auxiliar do Instituto “Osvaldo Cruz” e iniciou-se no jornalismo, em “A Folha”, de Medeiros e Albuquerque.

Transferiu-se para o Espírito Santo, onde se dedicou ao ensino, como pro-

*“Caríssimo Leitão, tenha paciência,  
Mas tem que ser, agora, retalhado...  
Consigo vou gastar toda a ciência  
Que tenho no meu cérebro anemiado.*

*Abro-lhe o crânio... A mais completa ausência  
Do “centro da injustiça” tão falado...  
Pulmões com antracose... Hipertrofiado  
O baço, mas nenhuma turgescência.*

*Normais os rins... Que fígado elegante!  
Laringe de orador, desenvolvida...  
Laringe outrora de uma voz cantante...*

*E dou por terminada a oração,  
Pensando no milagre de ter vida  
Um corpo em que não acho coração!”*

**CESÁRIO NAZIENZENO DE AZEVEDO MOTA JUNIOR** — Nascido em Itú, em 1817, e formado pelo Rio de Janeiro, em 1841. Iniciou vida médica em Porto Feliz.

Além de clínico, foi higienista, pedagogo e político.

Como político, deixou o Partido Liberal e fundou o Clube Republicano de Porto Feliz, que, com mais 14 membros, representou-o na Convenção de Itú, de 1873.

Foi deputado e secretário do interior do primeiro governo paulista, após a proclamação da República, dirigido pelo notável Bernardino de Campos, quando se revelou como “o grande reformador da instrução pública em São Paulo” (Spencer Vampré).

Como literato foi dramaturgo, comediógrafo, historiador, jornalista e poeta. Escreveu sobre medicina e deixou poesias esparsas.

**FRANCISCO ANTÔNIO NARDY** — De Itú. Nascido em 1848 e diplomado pela Faculdade de Bruxelas (como era frequente no século passado).

fessor de português, e à política, tendo, como tal, exercido as diretorias da Escola Normal, da Imprensa Oficial e do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda.

Pertenceu a Academia Espírito Santese de Letras e ao Centro Sorocabano de Letras.

Foi ainda, crítico, ensaísta, cronista e teatrólogo.

Além de livros sobre medicina, publicou, de poesia: “*Espera Inútil*” (1933) e “*Alguma Poesia*” (1942).

É autor da letra da canção “Minha Terra”, com música de Vogeler, do “Hino Olímpico”, oficializado pelo Governo do Espírito Santo, e de uma das letras da “Canção do Médico”.

Foi colega de turma do médico-poeta Carlos Prado, com quem manteve uma polêmica em verso, enquanto ainda estudantes, cada um tentando provar que o professor visado era o pior: Leitão da Cunha, por Ciro, e Silva Santos, por Carlos Prado.

Este é o “Perfil do Paraninfo”, sobre Leitão da Cunha, por Ciro Veira (que, apesar de tudo, segundo o próprio Ciro, contribuiu para sua aprovação):

Foi candidato a Governador. Historiador, biógrafo, ensaísta e poeta, além de orador e conferencista.

Publicou muitos trabalhos sobre medicina e literatura.

Suas poesias são do tempo de estudante. Uma delas, dedicada ao colega Matos Pimenta, de quem houvera emprestado um *smoking*, e encontrara num dos bolsos, versos do mesmo M.P., dedicados "aos lindos olhos de uma vizinha". Ei-los, em transcrição de seu livro "Crônica de Outora" (S. Paulo, 1963):

*"Se a ciência inoperante  
Dos que pretendem curar  
Se aprendesse em estudando,  
Quanto menino elegante  
Que perde tempo em amar,  
Ficaria ignorante,  
Mal sabendo soletrar".*

CARLOS DE VASCONCELOS PRADO — Nascido em 1898, em Itú. Graduado em 1924, no Rio. Pediatra. Fundou a revista "Pediatra Prática", foi diretor do Departamento Estadual da Criança, professor de Pediatria na Faculdade de Medicina de Sorocaba e, ao completar 80 anos de idade, assumiu a direção do Departamento de Higiene da Prefeitura de Itú.

Teatrólogo e poeta.

Além de trabalhos médicos, publicou dois livros de poesia: "Eunice", em 1922, e "Mocidade e Ternura", em 1967. Divide-se entre a poesia romântica e a satírico-humorística.

IV Seu último livro é dedicado ao filho, que fôra nosso aluno na Faculdade de Medicina de Sorocaba, inditosamente falecido aos 33 anos, e causa que foi de grande sofrimento para o pai.

O soneto *Estás Bem Vivo...* lembra a pungência do *Cântico do Calvário*, do poeta Fagundes Varela:

*"Como me apraz ficar, de ti bem perto,  
À sombra dos ciprestes, entre as heras,  
Longe do mundo hostil, que é campo  
[aberto,  
Onde os homens se matam como feras..."*

*Sobre nós, o horizonte descoberto,  
E o silêncio, que desce das esferas,  
Para ungi o colóquio que, por certo,  
Aguardo sempre e que, também, esperas,*

*Ouç-te a voz, e tua mão de arminho  
Roça-me a fronte, que o padecimento  
Marcou, a ferro e fogo, no caminho...*

*Estás, em suma, vivo, no Universo,  
Estás no mar, na flor, no firmamento  
Na rima, até, deste meu pobre verso..."*

CLÁUDIO JUSTINIANO DE SOUZA. É de 1876. De São Roque. Iniciou o curso médico na Bahia e terminou no Rio, em 1897.

Sua tese de doutoramento versou sobre "Os Neuropatas e os Degenera-

dos". Clinicou em Itapetininga e São Paulo, onde foi professor de Terapêutica, na Escola de Farmácia. Entregou-se também à indústria farmacêutica.

Em 1913 abandonou a clínica, foi para o Rio e passou a se dedicar apenas às letras.

Teatrólogo, sobretudo; campo em que produziu muito. Mas militou, também, na imprensa.

Crítico, cronista e historiador. E, segundo o saudoso amigo, o bio-bibliografista tieteense Luís Correa de Melo, também poeta.

Pertenceu à Academia Brasileira de Letras.

NARBAL DE MARSILLAE FONTES. É da terra do compositor Marcelo Tupinambá e do poeta Cornélio Pires — Tietê —, onde nasceu em 1899.

Formou-se por Escola Normal, em 1918, antes de ser médico, o que era frequente até a década dos anos 20. Foi professor em Alambari, Bananal, Bariri e São Paulo, na Penitenciária do Estado.

É da turma de 1930, do Rio. Clinicou em Pontal — SP.

Casou-se com Ofélia de Barros, também educadora e autora de livros didáticos e litero-infantis. Trocou São Paulo pelo Rio. Deixou a medicina e passou a se dedicar exclusivamente a literatura didática, escrevendo individualmente e de parceria com a esposa, livros didá-

*"Eis que os varões paulistanos, carrancudos, sobranceiros,  
marcham de espada na mão, sem respeitar meridianos:  
não são perús prisioneiros de riscos feitos no chão!"*

*Caminham rumo do oeste, sem nenhum temor de erradas,  
pois o sol, o bom guerreiro, na sua marcha celeste,  
com flexas incendiadas, vai lhes mostrando o roteiro...*

*Unidos de ponta a ponta, empurrando o meridiano,  
no sul, no centro, no norte, avançam, sem se dar conta  
de bugre, do castelhano, das mil ciladas da morte...*

*Ao sul, são doidas razias nas reduções castelhanas  
e não há como enfrentá-los! O capitão Fernão Dias,  
do sertão de Apucarana, conduz três reis por vassalhos...*

*Ao centro, os dois Anhangüeras, e o gigante façanhudo  
que descobre Cuiabá, mais bravo do que as feras:  
Manuel de Campos Bicudo, com seu filho Pai Pirá..."*

JOSÉ PEREIRA GOMES. É da terra do estadista e poeta Júlio Prestes de Albuquerque, Itapetininga, onde nasceu em 1882. Diplomou-se no Rio em 1909.

Como normalista, exerceu o magistério em São Paulo, de 1899 a 1903. Começou a clinicar em Itapetininga. Foi, com Penido Burnier e Cruz Brito, o criador da escola oftalmológica de São Paulo. Batalhou pela criação do Instituto Padre Chico.

Fundou, em Itapetininga, em 1889, "O Jacy", jornal literário.

Era desenhista de peças anatômicas e como retratista a bico de pena, colaborou com caricaturas para a revista "Fon-Fon".

tics, peças, novelas e poemas para a infância.

Passou a se dedicar, não é bem o certo mas, sim, voltou a ensinar, através da literatura didática, completando-se como exímio pedagogo e psicólogo educacional.

Poder-se-ia dizer que nascera de uma família cuja casa era uma escola de arte e cultura. Seu pai, Joaquim Fontes, além de magistrado e poeta era cultivador de rosas. Sua mãe, Emília Rosa de Marsillae Fontes era autora de livros. Epiteto, seu irmão, poeta, e Maria Emília, sua irmã, declamadora. E, além do mais, era primo de Martins Fontes. A casa, em São Paulo, era ponto de encontro de grandes poetas, jornalistas e compositores.

Fundou, no Rio, a "Revista Nacional".

Além de médico e poeta, era professor, pedagogo, teatrólogo, biógrafo e tradutor.

Entre a vasta bibliografia, são de poemas os livros "Senhor Menino", de 1940, e "Romance de São Paulo", de 1954, comemorativo ao IV Centenário da cidade. Livro, este, do mesmo sentido épico de "O Caçador de Esmeraldas", de Bilac e "Os Bandeirantes", do inditoso Baptista Capelos que, por feliz coincidência, era de Cotia, portanto, do sudoeste paulista.

"Marcha Triunfal", é poema de "O Romance de Sbo Paulo":

Venceu um concurso de poesia, enquanto ainda estudante. Seus poemas se acham esparsos.

Enquanto estudante, foi companheiro de quarto de Martins Fontes e frequentava a roda literária de Bilac e Emílio de Menezes. Daí o teor satírico de seus versos, como estes, dedicados ao Prof. Leitão da Cunha:

*"Leitão por todos os lados,  
Por toda a parte leitões  
Servindo de amargurados  
Pretextos de discussões,  
Mas, senhores a roxura  
De um exame do Leitão  
Faz ter medo até a futura geração."*

HUMBERTO PASCALE. Filho de Itapetininga, onde nasceu em 1895.

Foi alto funcionário público.

ASTROGILDO CESAR DE OLIVEIRA. Nascido em Botucatu, em 1899. Além de médico, formado por Nieterói, foi cirurgião-dentista.

Enquanto estudante, no Rio de Janeiro, frequentou a Escola de Belas Artes.

Publicou, em 1918, o livro de poemas "Estrelas Cadentes".

Compôs, com o maestro João Gomes Jr., a "Canção Botucatuense" e, é sua, a inscrição do monumento à Sacadura Cabral e Gago Coutinho, em Santos.

JOSÉ ESTEVES. Natural de Avaré. Formado pela Escola Paulista de Medicina. Oftalmologista. Autor de sonetos, ainda inéditos, registrados por Luís Correa de Melo, no "Dicionário de Autores Paulistas". É sobrinho do grande poeta Pe. Lindolfo Esteves, que foi pároco em Pereiras e, posteriormente, professor de Filosofia no Seminário de São Paulo e chanceler da Cúria Metropolitana de São Paulo.

José Esteves guarda com carinho, inéditos manuscritos de seu tio, que gentilmente nos confiou para conhecimento e estudo.

ULISSES LEMOS TORRES — Também de Avaré, onde seu pai, Alvaro de Lemos Torres, clinicara. Fez curso médico no Rio de Janeiro. Livre-docente da Escola Paulista de Medicina,

*Outono. Faz luar e penso em ti, querida:  
Em breve partirei, comovido e tristonho,  
E tu hás de ficar, tristonha e comovida,  
Dentro do teu capricho e dentro do teu sonho.*

*E se na hora cruel da nossa despedida,  
Sentires do remorso o despertar medonho,  
Não tremas! Partirei... e, de cabeça erguida,  
Agitarei meu lenço e chorarás, suponho.*

*E levarei comigo, arrependido e lasso,  
Pelas extrema aflição dos caminhos extremos,  
Todo o fel que senti, no derradeiro abraço...*

*Assim descansarei, assim descansarás:  
Porque, no pobre mundo em que nós dois vivemos,  
Nunca mais te verei, nunca mais me verás!*

CARMO LORDY. Natural da Itália, mas criado em Pereiras, onde seu tio, o Padre Gregório Lordy, além de pároco era chefe político e seu primo, João Casale, fundara um jornal, "O Pereirense". O tempo era de política acirrada e grande animação jornalística e literária. Daí ter Carmo Lordy fundado e dirigido "A Vespa", jornal do tamanho de meia folha de papel-ofício, onde publicava crônicas e versos satírico-humorísticos.

Foi aluno do Colégio Caraça.

Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia e foi professor de Em-

da qual, seu pai fôra professor e um dos fundadores.

Publicou, de poesia, os seguintes livros: "Noturnos Versos" (1977), "O Claro e o Escuro" (1978) e "Introspectiva" (1979).

JOSÉ NASCIMENTO DE ALMEIDA PRADO. Natural de Itaberá, em 1892. Formado por São Paulo, em 1934.

Era psiquiatra do Departamento de Assistência à Psicopatas.

Foi folclorista, ensaísta e poeta.

Um de seus filhos, também médico psiquiatra, foi meu aluno em Sorocaba.

CAIO SIMÕES. De São Manoel. Nasceu em 1883 e se graduou em 1908, no Rio. Além de médico, era farmacêutico.

Foi agricultor e dedicou-se à política, tendo sido deputado.

Publicou um livro de poemas, "Almas Gêmeas."

ENZO RUGAI. Também de São Manoel, onde nasceu, em 1904. Com 7 anos foi para Curitiba. Aí iniciou o curso de Medicina, vindo a terminá-lo, porém, no Rio, em 1930.

Não publicou livros. Seus poemas acham-se esparsos nos jornais de Curitiba e Rio, inclusive na *Antologia Paranaense*, de Rodrigo Junior e Alcebíades Plaisant (Rodrigo, um dos maiores poetas do Paraná, de quem tive a honra de ter sido amigo e merecido a dedicatória de um soneto), de onde extraí o soneto *Ideal Desfeito*:

briologia Humana e Comparada da Faculdade de Medicina de São Paulo, de cuja matéria publicou um alentado volume. Foi, nos últimos anos de sua longa vida, anátomo-patologista do Hospital São Lucas, do Prof. Eurico Branco Ribeiro, onde fui conhecê-lo, pois, como estudante, frequentava furtivamente o hospital, já que residia nas proximidades, e um dos médicos havia sido contemporâneo, na Faculdade de Medicina do Paraná.

Infelizmente, apesar de possuir o número 1 de "A Vespa", não consegui ainda, nenhum de seus poemas.

AFONSO HENRIQUES DE MELO. Natural de Pereiras e médico pela Faculdade de Medicina do Paraná, em 1941. Foi um aluno brilhante.

Clínica, desde sua formatura, na cidade de Birigui — SP.

Não publicou livros. Seus poemas acham-se esparsos nos jornais e revistas de Curitiba, principalmente, no *Correio dos Ferroviários*, bem como na *Revista Pereirense*. Posso cópia de sua vasta produção ainda inédita. Do poema *Batuque de Negro*, transcrevo apenas um trecho:

*Na noite uma voz, macabra de duende  
Se estende, se estende  
por léguas, a ecoar.*

*É o negro que canta. Suas vozes*

*[soturnas  
Caminham nos ares e tremem nas*

*[furnas...  
E as furnas, horrendas, se põem*

*Em volta do fogo,  
dengando num jogo  
de corpo que vai e que vem,  
seu passo, de ritmo lasso,  
não marca somente um compasso...  
Parece que traça no espaço  
a grande tristeza que tem.*

PAULO FRALETTI. Natural de Pereiras, onde nasceu em 1921. Iniciou o curso de Medicina em Curitiba e terminou-o na Escola Paulista de Medicina, em 1947, tendo sido o orador da turma. É psiquiatra do Departamento Psiquiátrico II, dos Hospitais de Franco da Rocha. Foi professor-assistente da disciplina de Psiquiatria e Psicologia da Faculdade de Medicina de Sorocaba (1956-1965) e é, atualmente, titular da mesma disciplina, na Faculdade de Medicina da Fundação ABC. Fundou e dirigiu jornais e revistas vários, médico-científicos e literários, bem como tem colaborado em muitos jornais e revistas. Além da poesia, dedica-se à história. É membro correspondente da Academia Paranaense de Letras, do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba e da Academia Sorocabana de Letras.

Publicou, de poesia, os seguintes livros: "Um Mundo Numa Praça Pública", em 1954, em homenagem ao IV Centenário da Cidade; "Deuses-lares", em 1957; "Lira Triste", em 1970, "Horas de Tédio e Solidão", em 1974, e "Poemas de Humor e de Sarcasmo", em 1979.

# Antonio Branco Lefèvre

Em novembro de 1966 um sobrinho recém nascido, João, seguia com sua família para Orsay, um vale calmo e dourado de outono, que visitei com Lefèvre todos os anos, desde essa época que marcou o início de nossa vida em comum; nessa periferia de Paris busquei agora a paz, para reencontrar-me com sua presença, agora não mais a meu lado, através das lembranças que guardo dentro de mim. Lembranças de vivências de nossas férias, que sempre foram de 30 dias, intensamente vividos, desde a cuidadosa escolha de filmes, peças de teatro, concertos de câmara em antigas e belas Igrejas de Paris, óperas de Mozart, andanças por livrarias, até das reuniões com amigos, que partilhavam dos mesmos ideais sociais e científicos; das voltas sempre aos sábados, pois na segunda-feira sua presença na enfermaria de neuropediatria do H. C. lhe era tão importante quanto o enriquecimento que buscava dar-se nas férias. Faltar a essas reuniões sempre lhe custou muito e quando ocorreu sempre se deveu a problemas de saúde, pois sua responsabilidade profissional passava pela noção de uma integridade e exigência absoluta. Sonhava com o tempo integral, quando poderia estudar mais e participar mais intensamente da orientação de pesquisas e assistência a seus pacientes da enfermaria; Recentemente numa longa entrevista para a imprensa, infelizmente bastante reduzida na publicação, comentava que a realização de seu ideal socialista lhe permitia trabalhar mais tranquilamente, pois a dedicação integral à assistência médica e ao ensino, no hospital, sem preocupações econômicas, fariam crescer a dimensão humana com que sempre procurava impregnar seu trabalho.

Freqüentemente falávamos de sua vida universitária, e gostava de lembrar como, quando ainda estudante de medicina, costumava passar horas comentando como o professor Briquet, ao invés de obstetrícia, partituras de Beethoven ou Bach, que ambos admiravam.

Ao terminar o ginásio tivera dúvidas entre a literatura e a medicina; juntamente com Antonio Cândido, Alberto Soares de Almeida, Alvaro Bittencourt, Ruí Coelho e muitos outros colegas intelectuais da época, escrevia na revista "Clima", sobre música, geralmente após conversas noturnas, em cafés hoje inexistentes, na Avenida São João. Seus temas preferidos eram a música, a literatura e o cinema como expressão de arte. Dizia que o "cinema é o veículo artístico que melhor registra as impressões despertadas pelo som; e que portanto nada mais natural do que utilizar, para exprimir uma forma tão destilada de sensibilidade — a forma



Dr. Antonio Branco Lefèvre

musical — a relação infinitamente delicada das sombras".

Ainda no início de 81 um jovem médico lhe pediu para escolher um autor musical que servisse de tema de discussão num encontro de amigos; Lefèvre escolheu Ravel pela atração de seu estilo de vida, sua música que admirava tanto e pelo sofrimento que lhe despertava o final da vida desse autor, ao tornar-se afásico.

A mesma abertura registrada para o mundo da arte, existia também para as Ciências Humanas onde centrou suas atividades profissionais. Logo após sua formatura, matriculou-se num curso de Psicologia, que pode concluir em um ano ao invés de três, onde obteve as melhores notas; seu título de Psicólogo necessitou porém ser autorizado pelo então Ministro da Educação, Santiago Dantas. Foi nessa incursão pela Psicologia, que conheceu Ombradane, professor francês estudioso da linguagem, tornando-se seu amigo. Foi ele quem lhe despertou o interesse especial pelo estudo das afasias que apresentou como uma de suas teses. Ligando-se assim à Psicologia ele formou o "Centro de Atividades Nervosas Superiores" onde a Neuropsicologia surgiu como área importante para a análise e investigação dos distúrbios Neurológicos. A união da Neurologia e da Psicologia, que hoje nos parece tão natural, ele a desenvolveu de maneira profunda, dando-lhe a importância e valorização necessárias. E através disso se criou mais um laço de compreensão e união permanente entre um marido e sua mulher.

Seu programa de vida sempre me fascinou, pois conseguia organizar o tempo de maneira a realizar diariamente tudo que considerava importante no interesse de sua formação contínua:

Beatriz Helena Lefèvre

dar aulas, orientar os alunos e assistentes médicos, ouvir música, estudar e ler ou reler seus autores preferidos, desde Platão, passando por Dostoevsky, Thomas Man ou Zinoviev. Comovia-se com a arte como com a história de um menino, seu cliente do interior, que lhe trouxera um doce na mão, quase derretido; para lhe entregar, depois de 10 horas de viagem de ônibus.

Gostava de escrever e suas conferências escritas fluíam com naturalidade e lembrava-me sempre que esta facilidade ele a devia aos cuidados e a convivência com o professor Lange, seu orientador no início da carreira.

Seu ser-político lutava sem descanso pela justiça social, na procura de um mundo mais justo. Sem medo de defender suas idéias, não assinou em 1964 a Adesão à Revolução. Por esse motivo respondeu a um longo processo. Comentava comigo seus diálogos com o militar que o questionava. Certo dia, quando a acusação era de receber subversivos no HC, ele respondeu: — "realmente tenho um subversivo aqui, venha comigo para conhecê-lo". E levou o militar a uma das enfermarias, onde uma criança de 5 anos, pesando 4 quilos, parecia um recém-nascido apático e desnutrido.

Lefèvre então comentou: — "Este é o subversivo que recebo e por quem luto na minha profissão"

Já nos anos 70 foi novamente levado a responder outro inquérito, onde tentou explicar honestamente seus ideais. Lembro-me do diálogo que teve com o "Capitão" que indagava sobre seu pensamento e posições políticas. Explicou o que entendia por um mundo socialista onde a educação e a saúde estariam ao alcance de todos os brasileiros, evitando que se precisasse atacar armazéns para não morrer de fome; um mundo onde os filhos dos colonos, numa fazenda do interior, teriam os mesmos direitos que os filhos de pais ricos; onde todo e qualquer trabalho seria remunerado com um salário suficiente para uma vida digna, sem as discrepâncias promovidas pelos ganhos absurdos dos ricos do Brasil de hoje. Lefèvre expôs suas idéias sobre o respeito à dignidade do homem, hoje perdido na miséria e esquecimento. Informou o capitão sobre o terrível índice de mortalidade infantil no Brasil, indicando a necessidade de uma ação imediata e prolongada. Ação na saúde e na educação, criando oportunidade aos pais de irem trabalhar, sabendo que seus filhos teriam o direito de um atendimento adequado nas creches, desde os primeiros meses de vida. Ao final dessa exposição, seu inquisidor lhe disse: "se esse partido for formado, quero conhecê-lo e participar".

Como professor ele se realizava inteiramente. O dicionário de Buarque

de Holanda dá a definição de "mestre": O Homem que Ensina. Ensinar implica uma maneira de ser diante de quem aprende. Há mestres que são conhecidos porque têm autoridade e poder. Outros, como Lefèvre, amam dar o que sabem, vivendo e crescendo na compreensão e discussão de suas idéias. Ele reconhecia aqueles discípulos que lutavam pelos mesmos ideais, nunca deixando de dar atenção a quem o procurava pelos mais variados motivos; sabia interessar-se por todos e a única exigência era o interesse. Quantas vezes conversávamos sobre a receptividade e compreensão daqueles residentes sequiosos de aprender; outras vezes quando voltávamos do interior dos estados mais longínquos do Brasil, comentava, feliz, a comunicação ocorrida nesses encontros. Quando ele percebia a relação que se estabelecia entre seus ouvintes sentia-se feliz, considerando o encontro um sucesso, porque hipóteses eram levantadas, ações iniciadas e a prática delas decorrentes, era estimulada com plena liberdade de pensamento. Realmente, havia em Lefèvre um amor imenso pelos seus alunos e um respeito irrestrito à sua criatividade. Tinha uma necessidade vital de passar a eles todo o seu saber, suas experiências profissionais, atualizadas diariamente na leitura e no estudo de casos mais graves ou complicados, que chegavam de todo país e América do Sul.

A Neuropediatria progrediu num trabalho conjunto, contínuo, de uma equipe integrada e amiga. Todos progredindo em discussões abertas e livres. Em todas as situações sua atitude era compreensiva, apesar de firme e objetivo nas suas idéias. Reservava sempre uma frase amiga aos residentes que se intimidavam nas primeiras apresentações de casos. Qualquer pergunta que eu ou outros lhe faziam, muitas vezes questões elementares, causam-lhe o prazer de uma resposta longa, a mais clara e completa possível. Comentava ainda que uma aula dada a alunos

indiferentes deveria ser frustradora. Mas com ele acontecia o contrário: homem brilhante, sempre tinha o que dizer, sabia como transmitir seus conhecimentos, sua vasta experiência e espantosa memória. Seu humor e bondade encantava a todos que o cercavam. Bergès disse-me: "Lefèvre tinha um modo pessoal, bem dele, de acolher com um abraço; é o gesto mais natural nele". Ajuriaguerra, chocado com sua morte, escreve-me dizendo "o desaparecimento de seu marido deixa um vazio entre seus amigos, e é ressentido como uma grande perda, por todos aqueles que se interessam pela Neurologia e Psiquiatria infantil". Foi o mesmo Ajuriaguerra que, em Salvador, num congresso, quando procurado por estudantes médicos que buscavam saber se os aceitaria como estagiários, respondeu: — "com o Lefèvre aqui vocês não deveriam sair deste país para estudar fora, pois o seu serviço é o melhor que conheço para um estágio em sua área".

Foi sua capacidade inesgotável de ensino e maestria do conhecimento que originou a formação de uma sociedade dos discípulos de Lefèvre, que se reúne anualmente, para discutir e reciclar em dois ou três dias conhecimentos, trabalhos e reviver com respeito a admiração um reencontro com o mestre. Era um pequeno congresso ideal, onde todos tinham voz ativa; o último de que participou, ocorreu na semana antes de sua hospitalização. Foram três dias vividos intensamente, com teses de mestrado e doutoramento reapresentadas de maneira livre e informal, onde se analisaram e discutiram dúvidas, com a participação permanente de Lefèvre, já bastante doente e cansado. Nesse último encontro, na noite do jantar de confraternização falou bastante, estimulando a ação pelo Brasil afora, reforçando o poder da solidariedade e a necessidade de continuarem seu trabalho naqueles lugares onde a pobreza e a solidão exigiam uma presença médica constante. Foi esse espírito comunicativo e livre

que formou a escola de Neuropediatria do Brasil, que permitiu a edição de seu último livro "Neurologia Infantil", que contou com a participação de dezenas de colegas e assistentes seus. Um pensamento comum, um esforço de cooperação, uma realidade que ele conseguiu manter toda a sua vida: a união e a liberdade fez surgir um volume que é um marco de progresso da escola Neuropediátrica que ele fez nascer neste país.

Eu me sentia, como sua esposa, possuidora da maior chance de uma mulher teve: ter um marido como Lefèvre amado e admirado pela família, clientes, colegas e amigos. Reunia à sua volta, como disse o professor Eduardo Marcondes, pessoas das mais variadas correntes políticas e culturais; seu espírito aberto, capacidade de compreender, sua cultura literária e musical tornavam-no um homem convívante, fascinante. Todos que conviveram com ele admiravam seu senso de humor, que se revelava em todos os momentos. Suas histórias eram sempre enriquecidas por pequenas lembranças, que tornavam os fatos cada vez mais interessantes; seu vocabulário preciso e correto conseguia atingir mesmo muitos de seus pequenos clientes, que o ouviam atentos e obedeciam tranquilamente suas ordens médicas, sem as habituais crises de birra. Mesmo nos momentos difíceis de arguir uma tese, ele era capaz de tranquilizar o examinando lembrando fatos que desanuviavam o clima, em geral rígido e ansioso nessas horas.

Esta tranquilidade constante, este sorriso de confiança nos homens, essa marcha segura para o bem e a justiça, são qualidades que indicarão o caminho certo que deveremos seguir, todos nós que o amamos e admiramos tanto.

Termino com o prelúdio de uma canção de Garcia Lorca: "As alamedas se vão, mas deixam seu reflexo; as alamedas se vão mas nos deixam o vento; deixam fluando sobre os rios seus écos..."

## Brasileiros ilustres na Itália

Dr. Duílio Crispim Farina

recordação de "tempos idos e já vividos":

*Lá entre os laranjais, entre os loureiros,  
Lá onde a noite seu aroma espalha  
Nas largas praias onde o mar suspira,  
Minh'alma exalarei no céu da Itália!  
Concede ao sonhador que lá somente  
Entre delírios palpitou d'enleio  
Numa hora de paixão e de harmonia  
Dessa Itália do amor morrer no seio!*

Manuel de Araujo Porto Alegre, barão de Santo Angelo, pintor e poeta, autor de "Colombo", após a abdicação de Pedro I, seguiu para a Europa, onde ficou de 1831 a 1837, tornou-se discípulo de Gross e viu as explosões, o eclodir do romantismo. Percorreu a

França, a Bélgica, e deixou-se ficar pela Itália, em empatias fraternas com Rossini e Cherubini, mestres da lírica, em operas e obras primas musicais, e que vão, em influências decisivas e não menos positivas, compeli-lo ainda jovem gaúcho, em seu retorno, a fundar o Conservatório Dramático e a Academia de Opera Lírica. Diplomata, deixou-nos "Fragmentos das Notas de Viagem de um artista" e inebriado, sob os influos de mil encantos, perdido em devaneios, fixou as expressões e os retratos dos contornos de Nápoles, de Pozzuolo, da inebriante Sorrento, as descrições de novo romeiro pelas Grutas de Posilipo, pelas calçadas de lava do Vesúvio e do Soma, até os extremos de Capua e os jardins embalsamados com as fragâncias dos laranjais nos contornos das estradas, caminhos para Amalfi e Salerno.

Em Chiaia consultou os rumos das fumaças do Vesúvio, mais tarde a soterrar nosso Silva Jardim, pregoeiro da República, e já dela desgostoso; e ainda sentiu o carácter de Herculano, Stabia e Pompéia.

Na Campania com carros e animais cargueiros, em ingreme estrada, a subir no dorso da colina de Posilipo, em sua fala saborosa, recorda a estrada de saudosa memória, pois dela emanavam as boas-vindas, ao viajar, do túmulo de Virgílio Maro.

Sorrento, país natal de Torquato Tasso, esplêndida, em torneios e disputas com cidades próximas, a confrontar-se com cenários variegados, jardins de olivais, de flores, e de parreiras, em antecipações de vinhos santos, sempre a esgrimir, terçar belezas com Capri de Tibério e de Axel Munthe, o médico escritor de S. Michele, que neste século a fará santuário das aves migrantes e também marco de áticas gemas preciosas, cimélias da Magna Grecia e dos dias das glórias de escopros e cinzeis.

Jornadeia pelo lago Agnano, a Gruta de Cão, e as estufas de S. Germano. S Gregório Magno diz, na vida de S. Germano, que este santo, indo àquele lugar recobrar a saúde, nas termas magníficas, encontra a alma de Pascasius que lhe informa que por meio de suas orações o livraria dos tormentos.

Sobre o azul puríssimo do golfo napolitano, delimitado pelo cabo Misseno, o Castelo de Baías, as colinas de Cumas, o Montenovio, a Academia de Cícero, tudo ainda a chamar a veneração do peregrino.

Em quase extase vai antecipar-se às mesmas emoções frente a cenários gratos aos olhos sensíveis ao Belo e à Perfeição, como vão registrar logo mais Gonçalves de Magalhães, o coronel Lima de Itaparica, naturalista e literato e o visconde Nogueira da Gama, este em primeira viagem em 1861, seguida por outra em 1871, acompanhando o imperador D. Pedro II.

Lima de Itaparica deixou narração de seus caminhar pela Holanda, Bél-

gica, Prússia, Áustria, Rússia, Suécia, Turquia e Itália, mas a nada, em lembranças e entusiasmos, atribuía maior destaque que às emoções do ascender os degraus do Capitólio ou retornar, como nos cantos de Virgílio, aos sacros lugares, onde se podiam ouvir as vozes da tradição, o revocar das lendas e dos feitos mitológicos.

E a comentar Porto Alegre, espetáculos espantosos, de leite e enleio, refere os banquetes pantagruélicos, pratos colossais, variados, e o vinho repetido, que não vasava em copos, mas por pichéis, a relembrar parecendo-lhe estar vendo, em Homero, amostras de uma exaltação dos sentidos, a voejar em páramos imarcescíveis, o barão de Santo Angelo descreve febricitantes panoramas, com emoções a sucudir-lhe "il cuore":

*"lançando os olhos para a direita, e por entre rolos de nuvens vimos o Cabo Circeo, Gaeta, e o mar povoado de ilhas, que uma a uma nos narravam mil acontecimentos; do lado da terra o largo de Licola, que resplendia como um adereço de prata; o lago Patria, o promontório de Cumas, como as ruínas de templo de Apolos o cabo Misseno, onde Corina cantou sobre o túmulo de Palinuro Eneas; do lado esquerdo, vinhas sobre vinhas, que se abriam, mostrando-nos Procida, com suas colinas férteis, seus banhos, e seu povo vestido a grega. Que sítios encantados! Ulisses escapando dos laços da Maga, e encontrando as sombras de Ajax e Pátroclo; Dedalo consagrando as suas azas a Apolo! Misera Cumas, onde está o sepulcro de Tarquinio, Sibila e seus livros; quantas batalhas viste Anibal, os Lombardos, Capuanos, Totila, Narsete".*

E ao apresentar um poemeto, escrito em Nápoles, em 1835, peça rara e pouco conhecida, intitulada "A Voz da Natureza", exaltação de uma geografia quase divina, e de um povo, raça a pairar sobre a Terra, como que no Olimpo, Manuel de Araujo Porto-Alegre apresenta-o com "a voz da inspiração que guia o sentimento do coração, a voz da natureza, éco das ruínas repercutindo por nossos lábios: cada ilha que povoa o mar Tirreno, cada gleba que se eleve sobre a palheta toma a forma de alaude o bardo, e desenha os quadros que a história narra, e que a reminiscência desperta a vista dos lugares que foram testemunha de tais cenas".

Lavores de escriba, inspirado pela natureza paradisíaca de uma costa ensolarada pelos olores dos Deuses, das águas decoradas de espumas, a ressonarem os cantos das Sirenes, de crateras, balizadas por rochas eruptivas, em que se ouve o martelar dos Cíclopes.

Etnas de fogo, Strombolis em convulsões, reinos de Vulcano, fabuloso mundo de pedra e de abadias centenares, com os lusco-fuscos de por-de-sois inefáveis, "os tramontons" dos poetas, selvagens belezas dos mares sempre a cantar as sagas mediterrâneas, tudo

isso e muito mais fizeram do barão de Santo Angelo o antecipador de mil devoções de teodos os viandantes brasileiros que irão seguí-lo nos decênios que não de vir.

Nogueira da Gama parte de Marselha para Livorno, a tempo de assistir a milhares de soldados franceses, e do Piemonte, em embarque para a Criméia, onde logo também há de fazer ecoar os passos a dama da lampada, Florence Nightingale, patrona das enfermeiras, filha de Florença e que tem sua herma junto ao mosteiro de Santa Cruz, Santa Croce, no claustro de Arnolfini, na cidade dos Medici, civitas divinal, a entesourar os opulentos mananciais dos palácios Uffizi e Pitti.

Seu navio logo passa pelas muralhas do castelo d'If, onde confessa ter cobijado o cofre de Edmundo Nantés, o personagem de Alexandre Dumas. Defronta-se com a Corsega, a ilha de Elba, e a de Montecristo, mas seu destino é Civitavecchia, e daí, em diligência, chegar a Roma.

Tece loas a Palo, pequeno Porto de pescadores, local de muda das carruagens. Outrora ali fora Altium, a antiga capital da Etrúria, terras em que Pompeu e Antonino possuíam quintas, mais tarde destruídas pelos Lombardos e Serracenos. Após andar 14 léguas entrava na cidade Eterna e logo chega a praça de S. Pedro, com a soberba colunada que a circunda e o grande templo, marco-berço dos cristãos. Atravessa o Tibre, pela ponte Santo Angelo, antigamente pons Elius, junto ao castelo do mesmo nome, edificado sobre o mausoleo de Adriano, internando-se pelas ruelas estreitas, "os vicoli", da capital do mundo nos dias da Pa Romana. Hospeda-se no hotel d'Aurora, via del Babuino, próxima à Piazza de Spagna.

Sem tempo a perder, curta será a permanência, deambula em excursões e roteiros:

*"a rocha tarpéia, sobre o monte Capitólio, donde eram lançados os traidores da pátria; adquire fragmentos de rapazes que, com seus martelos, prestam esse serviço, ou desserviço, aos curiosos, buscando um meio de sobreviver; desce ao Forum, localiza braças do muro com que Sêrvio Tulio fechara a cidade; visita a prisão mamertina, do tempo de Anco Marcio, onde Cícero fizera executar os cúmplices de Catilina e pareceram Jugurta, Sejano e vê-se ainda a pedra em que foram decapitados".*

As legendas referem ter sido prisão de Pedro e Paulo, com a porta de pedra a que se prendiam as cadeias dos dois apóstolos, a nascente que ali brotara e de que serviu S. Pedro, para batizar depois de convertê-los, seus guardas Martinianus e Proculus.

A cloaca-maxima de Tarquinio, ainda a servir de esgoto à cidade, com desembocadura no Tibre; a Fonte Sagrada, junto ao bosque do mesmo nome e a estátua da Ninfa Egeria, a quem Numa Pompilio consultava sobre os negócios de Estado; a pons publicius,

com alguns pilares, a primeira que existiu em Roma e que, no começo da República, se tornara tão célebre pela heroica defesa de Horácio Cocles contra o exército de Porcena.

E a recordar seu comprovinciano Bernardo Pereira de Vasconcelos refere as palavras de Tito Lívio, sentindo ceder a ponte por sob seus pés, e a evocar as águas do rio da pátria para que recebessem, propicias o soldado e as armas que acabavam de salvar a República Romana.

E a demonstrar interesse e pleno conhecimento da História de Roma, enumera a Via Apia, começada pelo censor Appius Claudius, no ano de 442 de Roma; os Tabularium de Scipião Názica, o templo da Fortuna Viril, hoje igreja de Santa Egípcia cuja devoção, acreditavam as matronas romanas, encobria aos olhos dos homens, os seus defeitos corpóreos; e o túmulo de Bíbulo, ao pé do Capitólio, no princípio da via Marfóro.

Ao reler as "Minhas Memórias", de Nogueira da Gama, ressurgem os palácios dos Cesares, os Foros, Pórticos e Arcos, Colunas e Torres, Teatro e Circos, Obeliscos, Aquedutos, Mausoleos, Columbários, Igrejas, Galerias, Templos de Jupiter Tonante, de Julia, da Fortuna, de Jupiter Stataor, de Antonio e Faustina, o de Constantino, de Nerva, o panteon, toda a arquitetura, a vida da Augusta Roma, como que sentimos as passadas das centurias, nas pedras das vias, o cair das águas das fontanas, o farfalhar dos pinus e dos ciprestes, o próprio murmúrio dos séculos e milênios da urbe maxima.

Gonçalves de Magalhães, visconde de Araguaia, médico e poeta, diplomata, aluno de Montalverne, em Paris permaneceu um ano, no encontro com velhos amigos: Torres Homem, Debret e Porto Alegre. Com este perambula pela Itália, Florença e nela conhece o soprano Castelani, e chega a Roma no ano de 1835, em primeiras impressões de um eterno encantamento.

Em 1847, quando se casou, foi nomeado consul geral e encarregado dos negócios, interino, no reino das Duas Sicílias, passando a efetivo em 1851. Transferido para o reino do Piemonte, e Sardenha (1854), logo em 1857 vai publicar o seu livro "Mistérios". Removido para S. Petersburgo e Viena (1859), volta à Itália e a ela se vai ligar de forma concreta. Em Roma aos 10 de julho de 1882 fechará os olhos e publicará mais de um de seus livros, com ênfases para o volume "Alma e Cerebro", estudos de Psicologia e Fisiologia, em 1876.

Carlos Gomes com recomendações ao maestro Lauro Rossi, diretor do Conservatório de Milão, recebe deste, como discípulo particular, aulas de harmonia e contraponto e após 4 anos de estudos, com honrosos elogios, é consagrado "Maestro Compositore", sob os influxos de um teatro musical onde se avaliavam os valores artísticos dos

compositores geniais. Empatias fraternas aproximam-no de Verdi e Salavini, autor do libreto do "Guaraní". Escreve as músicas para revista do último, intituladas "Se sá minga" (não se sabe), em dialeto milanês, "Nella luna", logo em giro pela Itália e com inícios na ribalta do Teatro Carcano.

O poeta Luis Guimarães Junior, secretário da legação brasileira em Roma esteve em Milão na estréia do Guaraní, juntamente com Sant'Ana Gomes, marido do compositor campineiro, e com Lessa Paranhos, consul em Milão, e o grande André Rebouças.

A permanência na pátria dos Sforza foi a gênese de Fosca, Maria Tudor, Lo Schiavo, Condor, Salvador Rosa (Masaniello), vida do genial pintor napolitano ao lado do libertário da velha Neápolis.

Na última representação, na estação lírica de 1870, presente ao espetáculo a princesa Margarida de Sabóia, esposa do então herdeiro do trono Umberto. De Verdi inscreveu a história: "este rapaz é um verdadeiro gênio; ele começa por onde eu termino!"

Carlos Gomes consorcia-se com Adeline Peri, descendente de uma antiga família de titulares de Bolonha, empobrecidos com as guerras da Independência italiana. Moça de finíssima educação, pianista exímia, laureada pelos conservatórios de Roma e Milão. Diz prosa e faz versos com extraordinário talento dramático. Lá nascem-lhe os filhos. Labora, luta, sofre, vence e a um dos rebentos, em homenagem à segunda pátria, dá o nome de Itala que será sua biografia exemplar. A Itália ofereceu Salvador Rosa, síntese expressiva com que saudou a terra onde colheu o ensinamento e os louros artísticos! Em Maggianico, junto a Leco, no lago de Como, ergue a Vila Brasília, sumula de saudade e nostalgia da pátria e do penates e de amor à terra da companheira que tanto idolatrou. Logo por falta de recursos terá de abandonar o fruto de suas emulações.

A Itália vivia os mais lindos dias de sua vida musical. Grandes mestres a tinham enriquecido, vivificado com suas obras, dando motivo para que fosse cognominada muito acertadamente "a pátria da Música".

Para lá acorre a campineira Zica Monteiro estreado no Teatro Perugia e depois em outros palcos da Áustria, Espanha e cidades inúmeras da terra de Giotto e Danunzio, vindo a morrer em Genova em 13 de dezembro de 1897, com 27 anos, cantora já consagrada.

João Gomes de Araujo, também em Milão, nesse tempo, sob a orientação de Dominici, Bazzini e Ponchielli, tem libreto de Ghislanzoni ao compor Carmosina. Vai a Cannes convidar D. Pedro II, em tratamento de saúde, para a estréia em 1 de maio de 1888. Sempre vão acompanhá-lo as influências de uma estada proveitosa e feliz. Pudera em 1887 assistir a première da ópera

"Otelo", de Verdi, legítima consagração do filho de Parma. Tão marcantes as lembranças de um povo e de uma terra excelsa que mais tarde ao escrever "Maria Petrowna", o assunto foi tirado de uma peça do dramaturgo napolitano Cuciniello e o libreto feito por Fernando Fontana. O prólogo passa-se em Nápoles e nele se destaca um terceto e o "Adeus à Itália". Respighi ao ouvi-la entusiasmado perguntou: o Maestro é sinfonista? João Gomes de Araújo já havia escrito 6 sinfonias.

Nosso segundo imperador, sem dúvida o maior de todos os brasileiros, já viajara muitas vezes pelos chãos itálicos, sempre tomado das emoções mais intensas, frente ao belo e ao majestoso: Siena, presépio heráldico, com palios e bandeiras desfraldadas, com insignias cantonais de honra, dignidade e beleza, S. Gimignano, cidade lavrada de pedra, oferenda ao Criador, com os labores do homem capaz de somá-los às centelhas do alto para bater os fundamentos de uma das mais estonteantes praças-muradas, do ocidente. No fim de ascensão, ingreme e sinuosa, o Duomo, mais um dos mil e tantos da Itália, coroa e completa o cenário sem igual. Volterra e seus capolavoros de alabastro. Urbino, gleba santificada pelo nascer de Rafael Sanzio, artista-arcânjo da Renascença. Florença, cidadela dos Medici e museu do Universo; Pisa, Mantua, Bolonha, Ferrara, antevissões do Paraíso, do Walhala, dos Eliseos. Por lá andara Sua Majestade e o seu séquito, quase em levitações, na exaltação dos sensórios. Mas agora com gravíssima doença, de Veneza chegava a Milão a comitiva imperial. Na estação o monarca era recebido pelo nonagenário Cesar Cantú, ilustre historiador e figura merecedora de sua admiração. D. Pedro II em seus desejos de tudo querer ver e tudo saber, vai ao lago de Como, onde o atinge as mudanças bruscas do cair da tarde, mesmo em maio, mormente sobre um lago sombreado por altas montanhas. A brisa forte da tarde, após o recolher do sol afeta o imperador, produzindo-lhe a moléstia que o assaltara. O conde de Mota Maia, seu médico, informava suas preocupações pelo ataque gripal que poderia provocar no organismo do doente, em face do fundo diabético, graves complicações. A gripe, a evolução inflamatória dos pulmões e perturbações do sistema nervoso eclodem com considerável abatimento do paciente. São os dias difíceis, finalmente aclarados pelos esforços e ciência de Charcot, de Semmola, de Nápoles, de Bruno de Turim e de Giovanni Achille, mestre da Universidade de Pádua.

A medicina peninsular entre tantos vultos insignes verá ligado ao Brasil, Libero Badaró, mártir da liberdade de pensamento e também médico, parteiro, botânico, preconizador da vacinação antivariólica em Piratininga e defensor das novas práticas sanitárias de enterramento em cemitérios e não mais nos

adros das igrejas. Alfonso Bovero de Turim estrutura a ciência e a medicina em São Paulo, na Faculdade de Medicina de nossa terra, iniciando os cursos de Anatomia em 1913, a convite do saudoso Arnaldo Vieira de Carvalho. Mas o grande Cardarelli vai influenciar toda uma geração de clínicos e em especial a escola de Rubião Meira. Aloísio de Castro liga-se ao grande Augusto Murri, de Bolonha,, e nos deixa páginas de saudades e emoção ao recordar e novas viagens, dias de empatias fraternas com o sumo professor sabedoria e bondade. Godoi Moreira, Renato Bonfim vão se abeberar de ciência também na velha "Bolonha, a Bononia mater studiorum, Bononia docet". Serão discípulos do incomensurável Vitorio Putti, maior mestre da ortopedia em nosso século.

Aloísio de Castro, cujo centênio de nascimento está ocorrendo, em sua obra escoreta e castiça, deixou-nos tesouros, obras primas de poesia e prosa. Roma seduziu-o, enlevou-o e exalçou-o a paramos do Belo. Escreveu "Hymno a Roma", com invocação sentida, de amor e respeito, com as palavras iniciais:

*"A ti, Itália, mãe-esplendor dos tempos que infundisse na tua raça o espírito de beleza com fervido amor, dedico esta tradução brasileira do Hymno em que Giovanni Pascoli cantou a grandeza de Roma Imortal".*

Na Academia Brasileira de Letras, ao receber louros do Palatino fez verdadeira exaltação a Roma cujos acordes ecoarão pelos tempos que não de vir:

*"Ao evocar o monte Palatino, onde os priscos latinos habitaram, monte sagrado, entre os platanos e os loureiros de hoje, entro nos antigos peristilos e toco com a mão a colunada do palácio dos Flavios".*

Roma penetrou-lhe n'alma e lá ficou a nortear-lhe os passos. Assim foi também com Carlos Magalhães de Azere-do e Murilo Mendes, integrados para sempre na paisagem romana, entre Tivoli e Frascati, a recitarem Cecco Angiolieri do século XIII, Giacomo di Michele, Folgore do quatrocentos, montado em seu cavalo favorito, provável Galeotto dos seus amores, cercado de amigos, companheiros da brigata, pajens, donzéis, donzelas, em torneios e justas. Os homens portando armas decorativas ou de combate, outros fazendo soar álacres instrumentos; as moças a luzir tecidos de linha de seda, verdes, vermelhos de Florença, floridas que nem um roseiral, de olhos escancarados ou pluviosos. Surge a Itália de todos os tempos, a Itália eterna como nos versos da lavra de Pedro de Oliveira Ribeiro Netto,

#### Cidade Santa

*Ave Roma de Césares e Santos,  
Sol de sete colinas de esplendor:  
Como Adriano, eu volta ao teu amor,  
como São Pedro elevo ao céu meus cantos.*

*Que possa todo mundo em teu louvor  
erguer os braços balouçando os mantos,  
e de joelhos vir beijar os santos  
degraus da escada santa. Do torpor,*

*sacode estas correntes que te prendem!  
No capitólio, Cesar Antonio  
arranque as faixas que teus olhos vedam,*

*pois como luz, a florescer nas tumbas,  
a alma dos Santos ergue no Aventino  
o clarão imortal das Catacumbas!*

Nas limitações de palestra que só terá o dom de homenagear uma grei, e uma entidade que exalta os laços de fraternidade entre duas pátrias irmãs, glórias da latinidade, a evocar tantos que lá, em aroubos, em extase passaram, em jornadas terrenas, quase celestiais, lembrarei mais Pedro Américo e Vitor Meireles, em Florença, esta na métrica e rima divinal de Pedro Oliveira Ribeiro Netto:

*Aos pés de Cellini, aos pés de Donatelo  
eu venho trazer a saudade do meu belo  
Brasil que o meu amor encerra,  
e deixar junto à flor de liz de ouro,  
no teu trono de Santa e de Rainha,  
esta bromélia em flor de minha terra!*

Em Montecatini, na portada de Grande Hotel Nizza et Suisse, uma placa de mármore lembra as visitas anuais e permanência de Epitácio Pessoa em vilegiaturas, repetidas também pelo meu mestre Antonio Carlos Pacheco e Silva. A recorda-los todos e os momentos, dias, meses de inefável prazer que tivemos ao deambular pelos jardins e mundos de todas as províncias e regiões da belíssima Itália também peço venia a meu mestre Oliveira Ribeiro Neto para ofertar aos italianos e à Itália um bromélia, flor de minha terra.

## Professor Paulino Longo e sua ilustre família

Dr. Duílio C. Farina

Em pouco mais de cem anos dezenas de famílias vêm se incorporando à Genealogia de Piratininga com os braços e as armas de seu trabalho, talento e dignidade. Ainda há pouco pudemos dizer algumas palavras a respeito das greis dos Michalany e dos Gicovates, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Enaltecemos, por méritos e justiça, os descendentes de pioneiros que acabaram se incorporando para sempre nas altas páginas do labor bandeirante. Como elas muitas outras, numa saga de grandeza, dedicação e benevolência. Assim os membros da família Longo.

Há um centênio aqui aportava o jovem José Watt Longo, nos seus 14 anos, após fugaz passagem por Buenos Aires, a trazer os incubos da velha Península Itálica, de um povo e de uma raça hauridos na forja do trabalho e da inteligência. Anos de ininterruptos labutares e logo mais o encontro com a companheira dileta de sua vida afetiva, Rosa Gioso Longo, que em caminhar de muito amor, vai ajudá-lo a construir numerosa família estribada em doze rebentos. José Watt Longo expessa, na grandiloquência de sua vida, renúncia,

desprendimento, sempre voltado para a educação e a formação de sua prole. Para tanto enchem-lhe os passos as arremetidas em todos os árduos labores: edificação do velho Albergue Noturno, junto à rua Asdrubal do Nascimento, aberta na antiga chácara Graz, vizinha da chácara de dona Paulina; calçamento das ruas da velha Paulicéia, nos tempos da prefeitura de Washington Luis, com pedras trazidas de sua pedreira sita lá pelos lados de Cotia. Edifica, constroe, labuta, também no coração dos filhos com as virtudes e testemunhos de ação e conduta.

Nasceram-lhe os filhos Francisco, engenheiro, mais tarde diretor geral de Obras do Estado de São Paulo. A morte precoce impede-lhe de atingir postos mais altos ainda, para os quais era fadado. Nicolau, engenheiro e arquiteto, lugar tenente da firma Albuquerque e Longo, construtora da Catedral de S. Paulo e da Caixa Econômica Federal, em predio invulgar para os seus dias. O edifício Glória, da praça Ramos de Azevedo, ornamento do velho São Paulo, dos anos vinte, teve sua orientação e responsabilidade. João Norberto, da

turma de 1919 da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, segunda turma da Casa de Arnaldo, pioneiro do exercício da medicina nas então bocas de sertão, em Lins. Teve o respeito da laboriosa colônia nipônica, elevou-se como operador e coroou seus últimos tempos, como cirurgião do Hospital Santa Cecília, tendo ao lado de sua equipe o preclaro Fausto Nanini, médico de escól, alma bondosa sempre a congregar os colegas em momentos de devaneio e amizade. Paulino, alma de fidalgo e sábio, com trajetória marcante no Ginásio do Estado da Capital, Faculdade de Medicina de São Paulo (turma de 1926) e catedrático da Escola Paulista de Medicina. Dona Irene, esposa do saudoso dr. Osório Musa dos Santos, notável clínico em Getulina e Lins. Antonio Eugênio, escultor pela Casa de Arnaldo, turma de 1929, ainda nos casarões históricos da Rua Brigadeiro Tobias, excepcional ortopedista do Venerando Instituto Paulista, um dia nosocômio da elite paulista, e distinto oficial médico do Serviço de Saúde da Antiga Força Pública de S. Paulo, onde atingiu, em carreira ascendente e moldear, todos os escalões hierárquicos.

Membro daquela turma de 1929 que teve as figuras exemplares de Henrique Arouche de Toledo, Otrubini Costa, Paulo Toledo Artigas, Sylva Orlandini Mattos, Martins Costa, Otavio Martins Toledo, Alfredo Bahia e tantos mais de alto porte e magnitude. Antonio Eugênio defendeu tese de grande repercussão para a época intitulada "Tratamento das Afecções nervosas e mentais pelo Treponema Hispanicum", aprovada com grande distinção. Orlando, engenheiro, combatente heróico de 1932, nas fileiras do Batalhão 9 de Julho, mais tarde frade franciscano, por ter recebido graça milagrosa de N. S. da Aparecida, e profundo conhecedor da radioatividade. Haroldo, delegado do Iapetec, em S. Paulo, formado na Faculdade de Direito do Largo de S. Francisco. Dona Odete, esposa do sr. José Carlos Silveira. Jaime, casado com dona Olga Lunardelli, cafeicultor e lavrador renomado. E duas filhas, freiras no Convento da Luz, onde deixou suas passadas o santo frei Galvão.

Rebentos ilustres, progênie destacada nos fastos de São Paulo, hoje com descendentes, em gerações conglomeradas com as famílias distintas de Piratininga. O sonho se fez fronde, a semente tornou-se floresta, de valores úteis e diligents.

#### A FORMAÇÃO DO MESTRE PAULINO LONGO

O lar paterno, os dias ditosos de um tempo cheio de esperanças, certezas num amanhã promissor, os exemplos da roda dos familiares, homens laoriosos, homens bons, as virtudes dos mestres-escolas dantanho no Grupo Escolar Maria José e no agosto Ginásio do Estado de S. Paulo moldaram o caráter, a tempera e o saber de Paulino Watt Longo. Num simbolismo magnífico também vai encarnar as qualidades dos primeiros dias da Faculdade de Medicina de São Paulo, seguidora dos anseios de seu estruturador Arnaldo Vieira de Carvalho.

O velho Ginásio, forja de verdadeira elite futura, sediava-se no prédio da Luz que hoje alberga a Pinacoteca do Estado. Lá peroravam em sábias lições mestres da envergadura de Freitas Vale e Benthley, Itapura Miranda e Valois re Castro, Vicente de Azevedo, Eduardo Carlos Pereira e Luis Antonio dos Santos (este vindo do Caraça). Von Atzingen, De Lorenzini, Candido Gonçalves Gomide, Bayeux, Sílvio de Almeida completavam a congregação nos anos escolares de Paulino Longo.

O inolvidável Cesario Motta Junior (1847-1897) empenhou-se em criar o Ginásio do Estado que tantas gerações gloriosas haveria de formar. Esta tradicional casa de ensino formou uma elite intelectual responsável pelos destinos da cultura e ciência de nossa terra. Para seu diretor foi nomeado interinamente o dr. Antônio Francisco de Paula Souza, diretor da Escola Politécnica. Em

concursos de provimentos memoráveis ingressaram os seguintes mestres na Congregação do Ginásio do Estado da Capital: Sílvio de Almeida (2.ª cadeira de português), José de Freitas Vale (francês). João Benthley (inglês), Oscar Nobiling (alemão), Luis Antonio dos Santos (aritmética e álgebra), Eugênio Guilhem (mecânica e astronomia), José Vicente de Azevedo (geografia e cosmografia), padre Valois de Castro (história universal), Alonso G. da Fonseca (antropologia, psicologia e lógica), Eduardo Carlos Pereira (1.ª cadeira de português), Edmundo Xavier (física e química) e Alfredo Caiafa (italiano).

Em verdade foi ele criado por Cesário Motta para ministrar o ensino secundário de um modo proveitoso, completo e moral.

Os decênios, o evolver da sociedade numa graduação ascendente, acompanhando a escalada paulista, assistiram a formação exemplar de destacadas gerações. A sucessão dos mestres também se fez com descortino e alta orientação. Mário Pereira de Souza Lima, Oscar Stevenson Penteado e Luis Cardoso Rangel engrandeceram a trajetória de Sílvio de Almeida e Eduardo Carlos Pereira. Marinho Briquet continuou Benthley no idioma e literatura britânicas, Souza Diniz na Química e Soares Romeu na Física; Cesarino Junior e Odilon Grellet, na História; Barbosa Muniz, na Geografia e Bento de Assis no Latim. Paulo Decourt, na Botanica e Alvares Cruz na Matemática não diminuíram as glórias, pelo contrário aumentaram. Martim Dami na direção da casa de ensino seguiu diretrizes de Augusto Freire da Silva e Tomás Galhardo. O Ginásio do Estado entrou na legenda e na tradição. Consagrou-se e elevou seus mestres e alunos. Lá na Luz, no Parque Pedro II e na Rua do Carmo, no prédio do antigo Grupo Escolar Miss Browne, nome da saudosa educadora de Americana, sempre cintilou a chama de um alto ensino, fiel aos desígnios de Cesário Motta, seu fundador.

Paulino Longo usando o direito que lhe assegurava a lei, então vigente, matriculou-se, em 10 de fevereiro de 1920, no Curso Preliminar da então Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. São os anos de fastigio e de entusiasmo de uma novel escola. Alfonso Bovero alicerçara as bases científicas, Rubião Meira preparava as bases da nova clínica médica. Arnaldo desaparecido precocemente já a deixara consolidada. Era apenas necessário continuar sem esmorecer. Os enciclopédicos Ascendino dos Reis e Guilherme Bastos Milward, Raul Briquet e Nicolau Moraes Barros, delineiam a Farmacologia, a Química médica, a Obstetria e a Ginecologia em incrementos de novas diretrizes e orientações. Montenegro, Alves Lima, Sérgio Meira e Oliveira Fausto na Cirurgia, Lemos Torres, Celestino Bourroul e Almeida Prado, na Clínica Médica; Franco da Rocha e Pa-

checo e Silva, na Psiquiatria, e Enjolras Vampré marcam as diretrizes científicas da escola da rua Brigadeiro Tobias, com extensões pelas enfermarias da Misericórdia paulistana. Aduzam-se os nomes dos irmãos Lindemberg, Rezende Peuch, Pinheiro Cintra, Ovidio Pires de Campos, Cantidio, Brito, Oscar Freire e seu sucessor não menos emérito Flaminio Favero, e teremos os nomes magistras da jornada acadêmica de Paulino Longo.

As inclinações já podiam ser adivinhadas pela tese inaugural, versando sobre "Contribuição ao estudo da esclerose lateral amiotrófica", na cadeira de Clínica Psiquiátrica e Neurológica, aprovada com grande distinção, grau 10, a demonstrar qualidades e capacitação.

Não pode atender convite do mestre Ernesto de Souza Campos para exercer o cargo de 1.º assistente (tempo integral) da cadeira de Microbiologia. Recusou a honrosa lembrança "por que ser clínico seria o seu natural pendur".

Nos anos de 1928 e 29 prepara-se arduamente. Estagia no Laboratório de Histologia da Faculdade de São Paulo, para conhecer a anatomia, a histologia normais e patológicas, do sistema nervoso, sob a orientação direta dos professores Carmo Lordy e Moacir Amorim. Aprofunda-se na histopatologia do sistema nervoso com curso intensivo dado por Spielmeyer, muito respeitado na ocasião. Alexandrino Pedroso, Ovidio Pires de Campos influem em sua formação, mas o nome tutelar é o grande, inolvidável Enjolras Vampré, orientador de sua tese especializada.

Acompanha o mestre, inclusive na Casa de Saúde do Instituto Paulista, na secção de Molestias Nervosas, de 1926 a 1935. Com o desaparecimento de Vampré ocupará o cargo de diretor.

A Revolução Constitucionalista encontra-o como chefe do Serviço de Neurologia de Guerra de Emergência na Água Branca.

Paulino Watt Longo explende na neurologia: assistente voluntário, assistente da Casa de Arnaldo e professor catedrático da Escola Paulista de Medicina, onde defendeu tese "Alterações da sensibilidade na paralisia periódica familiar de Westphal".

Estas breves notas de saudades e reverência pretendem apenas exaltar uma grei, família ilustre, e o insigne e sempre lembrado mestre Paulino Longo, formador de invulgar escola com Octavio Lemmi, Harri Diniz, Armbrust, Pupo, Beí, Emendabile, ao lado de Matos Pimenta (o Egas Muniz de Piratininga), Barini, e Joy Arruda, Caiubl Novais e Fernando Bastos (estes três últimos na Casa de Saúde do Instituto Paulista). Que para sempre seja lembrado o inolvidável Paulino Longo, médico exemplar e mestre de neurologia, seguidor de Enjolras Vampré, fidalgo e culto, generoso e compreensivo, formador de escola plena de grandes discípulos, sempre a unir, congregar, apoiar, incentivar, a derramar as luzes de seu talento e de sua ciência!

# Antonio Bernardes de Oliveira

Prof. A. C. Pacheco e Silva

O desaparecimento de Antonio Bernardes de Oliveira enlutou a classe médica brasileira, da qual era ele um dos vultos mais proeminentes.

Verdadeiro médico na extensão da palavra, digno por todos os títulos de figurar entre os primeiros, possuía no mais alto grau, predicados intelectuais, científicos, culturais e profissionais, que dele faziam um dos grandes expoentes da nossa classe, querido, admirado e considerado por todos.

Nascido em São Paulo, aos 3 de fevereiro de 1901, diplomou-se Bernardes pela Faculdade de Medicina de São Paulo, após um curso brilhante, destacando-se entre os seus colegas pela sua peregrina inteligência, delicadeza e pureza de sentimentos, a par de marcada vocação médica.

A sua formação especializada foi feita na escola do pranteado professor Benedito Montenegro, que o tinha na conta de um dos seus discípulos mais distintos, pelos seus conhecimentos, extraordinária habilidade manual e técnica impecável com que praticava intervenções as mais difíceis.

Durante a sua longa e proveitosa carreira, prestou ele grandes serviços à medicina e à sociedade à que pertencia, exercendo inúmeros cargos de chefia, da maior responsabilidade, na Companhia Paulista de Estradas de Ferro, na Companhia Construtora de Santos, no Hospital de Juqueri, no Sanatório Esperança e em vários outros postos por ele ocupados.

Em todos destacou-se pela sua capacidade, dedicação aos doentes, perícia na prática cirúrgica, espírito de organização e de confraternização.

Foi o fundador e diretor, por dilatados anos, do Sanatório Esperança, por ele cuidadosamente planejado e organizado, tido na época, como um dos melhores do Brasil, pelas suas instalações modelares, corpo clínico selecionado e serviços de enfermagem de primeira ordem.

Possuidor de excepcionais qualidades didáticas, Bernardes de Oliveira exerceu, com grande capacidade e dedicação, o cargo de professor catedrático de Clínica Cirúrgica na Escola Paulista de Medicina, da qual foi um dos fundadores, nela formando numerosos discípulos, hoje destacados cirurgiões.

Em 1936, após submeter-se à concurso, classificado com distinção, recebeu o título de Docente da Faculdade de Medicina onde se diplomara.

Realizou, em ambas as escolas onde lecionou numerosos cursos de cirurgia geral e especializada, proferindo também conferências em várias escolas e associações médicas do país e do exterior.

Membro do International College of Surgeons, da Société Internationale de

Chirurgie e do American College of Surgeons, ocupou o cargo de Mestre do Capitulo, nesta última entidade.

Homem extremamente fino, polido e bem educado, dotado de extraordinária pureza de sentimentos e de grande sensibilidade artística, desenhava com perfeição, além de ser apaixonado pelas belas artes. Falava e escrevia com elegância e correção, conhecedor que era do vernáculo, além de ser dotado de excepcional cultura geral. Com tantas e tamanhas qualidades, não é de se admirar tivesse ele ocupado posição ímpar na sociedade paulista, onde era por todos querido e admirado, unânimes em reconhecer as suas excepcionais qualidades de espírito e coração.

Patriota, de elevados sentimentos cívicos, Bernardes participou da Revolução de 1932, prestando assinalados serviços nos hospitais de sangue nas frentes de combate.

Durante a II Grande Guerra Mundial, de que o Brasil participou, estagiou ele no Hospital Militar, na qualidade de Major R/2 do Exército Nacional, confirmando as suas qualidades de cirurgião consumado.

Grandemente interessado pelos problemas nacionais, cursou Bernardes de Oliveira a Escola Superior de Guerra, onde se projetou pelos seus conhecimentos e dedicação. Designado para delegado da ADESG, em São Paulo, promoveu aqui numerosos cursos, com a participação de altas patentes das Forças Armadas e de membros do Magistério Superior.

Os últimos anos de sua vida fecunda, dedicou-se a fundo à história da medicina. Possuía uma preciosa biblioteca, constituída por livros de medicina antigos, extremamente raros, os quais, infelizmente, já não mais se encontram no Brasil, disputados que foram por colegas da América do Norte.

De posse de tamanho acervo científico, passou o notável cirurgião a viver mergulhado em seus livros, legando-nos uma monumental obra sobre "A Evolução da Medicina até o início do século", que é um primor de conhecimentos acumulados durante anos, expostos de forma metódica, ricamente documentada e ilustrada.

Nenhum autor nacional ou estrangeiro, dedicado ao estudo da história da medicina, poderá, daqui por diante, deixar de consultar tamanho manancial de conhecimentos.

Na introdução desta obra a constituir, por assim dizer, o seu testamento científico, lê-se o seguinte:

Sob a égide da bondade a medicina é o saber da época aplicado a arte de prevenir aliviar e curar os doentes.

Tais conceitos, conselhos e recomendações, representam em síntese, pureza e singeleza, a vida daquele que foi um médico sábio e humanitário, seguidor dos princípios hipocráticos e rigoroso cumpridor da ética médica.

Lamentavelmente, não teve Bernardes a ventura de ver concluída a impressão de sua obra magistral, que levou anos a escrever, constituindo a maior satisfação da sua vida, porquanto veio ele a falecer poucos meses antes de ser ela dada a lume.

No magnífico prefácio deste livro excepcional, o ilustre escritor João de Scantimburgo, seu grande amigo, disse o seguinte:

"O Professor Bernardes de Oliveira é, com a Evolução da Medicina, autor da obra definitiva, obra que ganhará o prazer da leitura, a honra da consulta e a perenidade das estantes, por fixar em páginas indelévels a imensa e bela aventura humana da luta contra a dor e a morte, essas duas companheiras que nos seguem, através dos tempos, como duas inseparáveis e perpétuas sombras".

Quando as escreveu, o prefaciador não poderia, certamente, imaginar estivesse Bernardes tão próximo das sombras, que nos privariam para sempre da sua presença material, mas jamais da espiritual.

Amigo fraternal que fui desta inolvidável figura, durante mais de meio século, com ela convivi na maior intimidade, sentindo de perto e apreciando as suas raras qualidades e a grandeza d'alma da criatura exemplar que ele foi.

A providência inspirou-me quando o indiquei, ainda recém-formado, para o cargo de cirurgião do Hospital de Juqueri, do qual era eu então diretor. Com ele participei da fundação do Sanatório Esperança e ambos fomos, conjuntamente com outros colegas, fundadores e membros da Congregação da Escola Paulista de Medicina.

Ambos estagiamos na Escola Superior de Guerra e exercemos, em anos diferentes, o cargo de Delegado da ADESG em São Paulo.

Posso, pois, dar o meu testemunho pessoal, de quem foi esta grande e inesquecível figura de médico, que honrou e dignificou a sua profissão, como um verdadeiro apóstolo, servindo de exemplo às futuras gerações.

E o faço com a mais profunda emoção e a maior saudade, cumprindo a designação com que fui honrado pela Associação Paulista de Medicina que, em boa hora, deliberou reviver grandes personalidades médicas, recentemente falecidas.

# Mestre Flamínio Favero

Prof. Armando Canger Rodrigues



Achando-se o prof. Edmundo Vasconcelos ainda acamado, mas em plena e satisfatória recuperação, solicitou-me para falar em seu nome nesta rememoração do nosso saudoso Professor Flamínio Fávero.

O seu recente desaparecimento aos 87 anos de idade, representou para a ciência nacional e sobretudo para a Medicina Legal, uma perda irreparável. Dele recebi, desde os tempos de estudante, estímulos e ensinamentos que despertaram em mim a vocação e o irresistível desejo de pautar minha conduta no exemplo de sua imaculada e fecunda vida.

Cumpri compungido o dever, que me impôs também a Congregação da Faculdade de Medicina, de dele despedir-me, em seu nome, pela derradeira vez, no "Instituto Oscar Freire" onde ensinou várias gerações de alunos, por mais de vinte e cinco anos.

O nome de Flamínio Fávero é conhecido, respeitado e admirado nos meios médicos e jurídicos. Sua vida foi ensinar. Desde cedo dedicou-se a tão nobre atividade. Nascido na Capital de São Paulo, frequentou o curso secundário no Colégio São Luiz de Itú, formando-se na primeira turma da Faculdade de Medicina de São Paulo em 1919, casando-se, em seguida, com sua colega, Dra. Délia Ferraz Fávero. Após disputar concurso, foi investido na cátedra de Medicina Legal, em substituição ao professor baiano Oscar Freire de Carvalho, aposentando-se como professor emérito.

Foi o consolidador do Instituto Oscar Freire, tendo sabido, como ninguém, manter as suas tradições, entusiasmando os seus discípulos no ensino médico, nos caminhos da perícia e sobretudo no auxílio à Justiça.

Desenvolveu com esmero os cursos de graduação e de extensão universitária, abrangendo todos os ângulos teóricos e práticos, da Medicina Legal, abrindo as portas dessa ciência quer aos alunos da nossa faculdade, quer a todos os estudiosos que o procuravam.

Flamínio Fávero, enriqueceu as letras médicas com magníficas obras, e, dentre elas, o "Tratado de Medicina Legal", adotado até hoje. Sua projeção no campo científico e cultural foi imensa. Entre os inúmeros cargos que ocupou nas instituições do país, desta-

cordial, caridoso, compreensivo, leal, e, muitas vezes, com bom senso invejável, tornava-se até tolerante.

Suas feições, seu sorriso largo de homem possuidor de um espírito profundamente religioso irradiavam paz e tranquilidade. Seus conselhos caracterizavam-se por serem inspirados pela mais reta das concepções morais.

Os ensinamentos da sua palavra, e do seu impoluto exemplo, eram contínuos e eficazes: "Manejai a alavanca da simplicidade, consequência, através, da própria verdade". "A humildade, é como o imã para o ferro: atrai. É como o perfume para a flor: deleita. É como a beleza natural: encanta".

Sua actoridade impunha-se só pela sua presença, pelo seu olhar sereno, pelo seu saber e principalmente pelo exemplo de vida, praticamente em retiro espiritual. Comunicava-se com o mundo mais através da escrita, não descuidando jamais de entremear em quaisquer assuntos, mensagens de humanismo e de apostolado cristão. Nas aulas discorria sobre os temas com a cadência e o ritmo de quem lê.

Foi homem de que nunca se ouviram queixas ou lamúrias, e nem sequer comentários sobre a sua pessoa. A simplicidade lhe era um traço característico. Manifestava-se em sua maneira de vestir-se em sua despretençiosidade, em seus gestos. Um homem de trato fácil.

Assim conviveu com todos nós, os seus discípulos, muitos anos no "Instituto Oscar Freire" que tanto amou, e ao qual tanto se dedicou.

Foi no anfiteatro deste mesmo Instituto que, em 76, com os seus cabelos já esbranquiçados, pronunciou a sua última lição. De lá para cá, a inexorável ação do tempo encarregou-se, mansa e cruelmente da tarefa de levá-lo, roubando-o do nosso meio.

Assistimos com profundo pesar a este penoso e irreversível processo que vinha pesada e vagarosamente se arastando; mês após mês, ano após ano.

A Medicina Legal perdeu seu Mestre.

Foi-se. Deixou-nos, o Professor Flamínio. Mas a sua imagem e os frutos de seus ensinamentos permanecerão obstinadamente vivos em nosso memória. E sua saudade nos acompanhará para sempre.

XII

XIII

# Manoel Tabacow Hidal

Dr. Josef Feher

A maior homenagem à memória de Manoel Tabacow Hidal é a realidade e pujança de sua sonhada obra, o Hospital Israelita Albert Einstein.

O seu contagiante otimismo e firme liderança, uniu um grupo desarticulado, numa força coesa e em 1955, fundou a Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein.

Manoel Hidal tinha o poder de catalizar o espírito associativo, ingrediente necessário para transformar estados em nação, indivíduos em família, soldados em exército, professores em escola.

Espírito associativo é o toque mágico que leva da fragilidade do indivíduo ao vigor da comunidade, da inexpressão do tijolo à eloquência do edifício.

Devemos agradecer a Providência pela sua dedicação e pelo desprendimento com que pôs o seu talento à serviço da comunidade.

Manoel Tabacow Hidal foi uma das marcantes personalidades que conheci.

Nasceu em São Paulo em 1918, aonde fez os seus estudos básicos.

Cursou o Pré-Médico da Escola Paulista de Medicina aonde ingressou no Curso Médico.

XIV

Foi acadêmico interno, por concurso da cadeira de Clínica Urológica da Escola Paulista de Medicina. Continuou na Clínica Urológica como Assistente extra-numerário.

Foi interno da Cirurgia de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, no grupo de Cirurgia Geral, tendo lecionado vários cursos de venerologia em extensão Universitária do Centro Acadêmico Pereira Barreto.

O início da vida profissional nunca foi fácil e muito menos o foi para a geração da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial.

Os consultórios eram escassos e difíceis de conseguir.

Iniciou a sua carreira na clínica privada em edifício da rua Conselheiro Crispiniano, cedido em aluguel pela Santa Casa de São Paulo, como privilégio aos médicos que lá exerciam a sua benemerência e atividade profissional.

Em 1950, é designado Chefe dos Serviços de Clínica e Cirurgia Urológica do I.A.P.I. de São Paulo.

Eleito em 1955, Presidente da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein, cargo que ocupou até o seu falecimento.

Nesse intervalo publicou vários trabalhos e 2 livros sobre a especialidade que abraçou.

A Câmara Municipal de São Paulo concedeu-lhe o título de Cidadão Emérito de São Paulo em 1964.

Ocupou desde 1969 a função de Professor Associado da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

Em 1974, foi eleito Presidente da Sociedade dos Médicos do Hospital Santa Isabel da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

Em 1977, conquista por concurso a Regência da Disciplina de Urologia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

Recebeu várias medalhas e comendas, entre elas a do Pacificador, das mãos do General Dilermando Gomes Monteiro, então Comandante do II Exército.

Foi eleito Presidente da Seção de São Paulo, da Sociedade Brasileira de Urologia.

Quem imaginaria que o recém-formado de 1942 impulsionalista de tal for-

ma o cenário médico-hospitalar de São Paulo?

Correto no trato com os colegas, não lhes perdoava as falhas ou a cobiça. Na Santa Casa, incentivava os jovens com o seu exemplo profissional. Ainda estudante de medicina, conheceu a Fanny com quem festejou 35 anos de um casamento feliz.

Os seus filhos Eduardo e Jairo eram a sua alegria e orgulho.

Entre os autores favoritos de Manoel Hidal, encontrei no livro do Humberto de Campos anotada uma frase citando Sêneca:

“Não conte os anos. Conte as realizações.”

A contribuição que legou à Classe Médica e à Cidade de São Paulo, confirma a citação predileta.

Em 11 de agosto de 1979 deixou-nos para o seu repouso eterno.

O Hospital Israelita Albert Einstein perpetuou o nome do seu idealizador e fundador, denominando o seu novo edifício de “Centro de Diagnóstico Manoel Tabacow Hidal”.

O Estado de São Paulo homenageou-o dando o nome de Prof. Dr. Manoel Tabacow Hidal à Escola Estadual de 1.<sup>o</sup> Grau em Pedreira - Santo Amaro, e a cidade dando o seu nome a uma via pública.

Em 18 de outubro de 1980, foi homenageado com carimbo filatélico como símbolo do Dia do Médico, pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Encerro as minhas palavras repetindo Olavo Bilac:

“E eu solitário, volto a face, e tremo, vendo o Teu vulto que desaparece na extrema curva, do caminho extremo contra a extrema curva, do caminho extremo.”

casarões da rua Brigadeiro Tobias, moradas de outrora, em dias de fausto, dos Paes de Barros, Almeida Lima e da Marquesa de Santos, esposa de Tobias de Aguiar. Terá nos bancos acadêmicos o companheirismo de uma plêiade do porte de Orlando Pinto Souza, José Oria, Renato Bomfim, Valdemar de Souza Rudge, Henrique Arouche de Toledo, Antonio Eugênio

Longo, Alfredo Bahia, Sila Orlandini Matos e o portentoso Edmundo Vasconcelos.

A tese inaugural “Problemas de Eugênia no Brasil”, vai fazê-lo precursor em nosso meio, com Paulo de Godoi, de proposições e ensaios muitos à maneira do sábio Felix Le Dantec e de Elie Metchnikoff, continuados por Carrell em indagações pertinentes de Ciência e Moral, determinismos de leis biológicas, sempre a reger a natureza humana. Seus estudos têm a permanência das páginas dos “Ensaio Otimistas” e dos “Estudos sobre a Natureza Humana”, mostras da sabença, faceta filosófica, do imortal ganhador do Prêmio Nobel de 1908, graças aos trabalhos sobre fagocitose, as “Lições de Patologia Comparada na Inflamação”.

Com as emulações e os entusiasmos dos membros das primeiras turmas da Casa de Arnaldo, hauridos nas lições de civismo da mocidade estudiosa que se abeberara dos desígnios do Civilismo e da Campanha Nacionalista de Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, Pedro Monteleone terá o norte sempre apontando para o liberalismo com precípua atuação nas lides do jornal em 1922, 24, 30 e 32.

Paulista na mais alta acepção do termo, luta contra o despotismo e a noite negra de uma ditadura que encontrou o Planalto de Piratininga coeso em torno da Lei e do Direito.

Empastelado seu jornal, pregoeiro das liberdades cívicas, exilado Cásper em 1930, assume os postos de direção e destemor e novo fênix a ressurgir das cinzas, em menos de 30 dias faz circular o arauto de Piratininga com 200.000 exemplares. A epopéia paulista de 1932 sob os acordes de “Paris Belfort”, permitirá que escreva página altisonante, capítulo expressivo do “poema que é o nosso orgulho que vai de 9 de julho a vinte e oito de setembro”. Seu coração de paulista, topo vermelho da bandeira arrasta-o a gesto temerário: desobedece à censura federal, é preso e recolhido à Casa de Detenção do Rio de Janeiro. Veiculara protesto contra as violências de que fora vítima o povo de São Paulo na trágica tarde



de 3 de outubro de 1932, no largo do Palácio, quando ali se concentrava para despedir-se dos nossos presos políticos que naquele dia seriam embarcados para a Capital da República. Dias de tristeza, mas de glória para Pedro Monteleone. Sofrer por São Paulo, amar São Paulo acima de todas as coisas.

E assim sempre foi, fanal a iluminar as esperanças dos dias de amanhã, lenitivo para os desenganos políticos, em vida intensa, digna de ser vivida...

Apolíneo, ático, de gestos nobres, sempre disposto a atender, apoiar as causas justas era o centro de encontros, campanhas em prol da Faculdade, do Centro Acadêmico “Osvaldo Cruz” e da classe a que orgulhosamente pertencia. Na rua Líbero Badaró, junto ao Largo de São Bento, em Santa Ifigênia e mais tarde na Avenida Paulista, antigo espigão do Caaguassu, na redação expendia como o orientador de moços, colegas e mestres, Pioneiro do jornalismo científico divulgou sem soluções de continuidade tudo quanto se relacionasse com o evoluir da medicina. Incentivava valores, divulgava livros, acompanhava os concursos sem-

pre a descrever os provimentos memoráveis, os lanços de justas e torneios intelectuais, a conquista das cátedras, os planos dos moços nas “Noites de Maio”, “Mac-Meds”, e campanhas em prol das Ligas de Combate à Sífilis, Câncer e Tuberculose, e caravanas de Saneamento Rural, metas e diretrizes dos dias escolares de quase cinquenta gerações, tempos de antanho, tão caros aos nossos corações, sempre com o apoio de mestres como João de Aguiar Pupo, Samuel Pessoa, Dácio do Amaral, os Paula Souza, Geraldo e Rafael, Carlos da Silva Lacaz e o inolvidável Borges Vieira.

Seu espírito sempre a entender os novos tempos, determinou o apoio a Rubião Meira e Alberto Nupieri, estruturadores-sonhadores de nossa Associação Paulista de Medicina. Participe das primeiras pugnas, ainda no prédio Martinelli, será secretário de nossa colenda entidade nas gestões de Antônio Cândido Camargo, Rubião Meira, Enjolas Vampré e Oscar Monteiro de Barros. Pedra que se fez Igreja, raiz que se fez fronde.

E assim em todas as demais entidades de ciência e cultura. Lídador sem péias, obreiro incansável, coluna vertebral, sonho, sementeira que se tornou floresta, cerne granítico ficará Pedro Monteleone como das mais expressivas figuras da Faculdade de São Paulo, da Medicina de um tempo de dedicação integral e esforços sem lindes, de um jornalismo cristalino, de vozes altaneiras e patrióticas, a clamar, a bramir pelas liberdades das gentes e pela glória dos chãos paulistas. Deixou-nos exemplo que há de perdurar pelas gerações que hão de vir e um herdeiro, esculápio também, filho amantíssimo, que na Tocoginecologia engrandece as amadas disciplinas de Raul Carlos Briquet e Nicolau Moraes Barros. Pedro Paulo Roque Monteleone orgulha-se reverente de seu progenitor como o faz a entidade maior da Medicina em São Paulo. Ambos inscrevem-se nas sagas e gestas de labor e alta medicina na civilização da terra de Anchieta. Que vivam Pedro Monteleone e os sonhos de uma geração de grandes obreiros, construtores da Pátria estremecida...

XV

# Joaquim Clemente de Almeida Moura

prof. Sílvio Marone

# Pedro Monteleone

Dr. Duílio Crispim Farina

“A Gazeta”, fundada pelo jornalista Adolfo de Araújo, teve o comando sucessivo de João Dente e Cásper Líbero. No estado-maior pelos anos, de cênios, Miguel e Venceslau Arco e Flexa, Menotti Del Picchia, Américo Bologna, Silva Roso, os poetas Corrêa Júnior e Judas Isgorogota e, principalmente, Pedro Monteleone, ingresso na velha folha no já distante 1918.

Filho de S. Carlos, lá fez os primeiros estudos primários. No Ginásio do Estado desta Capital, veneranda Casa de Cesário Mota, realizou os exames parcelados, norma do tempo, antes de ingressar na Escola de Medicina de Santa Luzia, na antiga Corte, com provas distintas. Em 1925 aqui estava na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, sediada nos

Em sua faina inexorável, a morte ceifou do nosso convívio, a 8 de outubro de 1981, mais um dos colegas da nossa turma de 1939 da Faculdade de Medicina, da USP, Joaquim Clemente de Almeida Moura, ou simplesmente o Clemente ou o Moura, como o chamávamos.

Do nosso trato diário, dos longínquos anos acadêmicos e prolongados após a formatura, muito poderia escrever sobre a personalidade desse ilustre e bom amigo. Para caracterizá-lo,

porém, bastam-nos duas palavras simples e pequenas, mas profundas no significado: *sabedoria* e *modéstia*.

O *saber* do Clemente se estendia às diversas áreas da Medicina e em setores múltiplos da Cultura Geral.

A sua *modéstia*, autêntica e sincera, atingia a *humildade*.

*Sabedoria* e *humildade*, esta derivada daquela, como nos sábios, eram os ornamentos que, de pronto, se notavam no Clemente.

Conhecedor profundo de vários idiomas — o que lhe dava acesso ao progresso científico e cultural de vários países — sabia ele discorrer com lhanza e segurança sobre os mais diversos temas médico, tornando-os de compreensão fácil. Sua expressividade era amena e precisa, agradável e fascinante. Tinha, pois, as virtudes de professor.

A intelectualidade do Clemente, ou-sariamos dizer, foi “hereditária”, desenvolvida em sadio ambiente de cultura e de estudo. Pertencia ele à estirpe dos

Almeida Moura, famosa em nossos meios culturais e universitários pelos seus estudos de Alemão e das obras literárias germânicas, em particular das de Goethe.

Seu pai foi o conhecido latinista e vernaculista, o Professor Américo Moura; homem, também ele simples, pequeno de estatura, mas gigante no saber, era o componente constante das bancas examinadoras dos nossos institutos de ensino superior; membro da Academia Paulista de Letras, Cadeira 39, antes ocupada pelo Prof. Sud Mennucci, professor de Filologia Românica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e membro da União Brasileira de Escritores e do Instituto Histórico de S. Paulo; seus tios foram o Professor Genésio Moura, Professor da Faculdade de Direito do Largo São Francisco e Ministro do Tribunal de Contas do Estado, e o Prof. Pedro de Almeida Moura, Prof. da Faculdade de Letras da USP, ocupava a Cátedra de Línguas Germânicas, conhecedor profundo das obras de Goethe, muitas das quais traduziu. Eram seus irmãos Francisco, engenheiro e João, dentista.

À sua casa, verdadeiro núcleo de estudo, acorriam filólogos e historiadores de então, mestre de muitas gerações de intelectuais; o tema dessas verdadeiras tertúlias passava da Filologia ao estudo dos nossos escritores e de suas obras e para a História Pátria e Filosofia.

Desenvolveu-se Clemente nesse meio e desde cedo foi crescendo nele o amor ao estudo assuntos, sobre os quais, muitas e muitas vezes, se alongava em conversas conosco.

A vida do Clemente foi, pois, de constante dedicação ao estudo.

Frequentou, desde menino, a Escola Alemã, da Rua Olinda, próxima de sua residência. Ali aprendeu o Alemão e um ou dois dialetos, como tomou conhecimento e aprofundou-se na Literatura Germânica.

Era ele realmente um poliglota; falava e escrevia também em Inglês, Francês, Castelhanu e Italiano. Deste idioma conhecia o dialeto napolitano, cujas canções cantarolava com frequência. Tinha conhecimentos de Latim e do Grego.

Traduziu do Alemão livros de Cirurgia, de Ortopedia e de Embriologia; traduziu, também, uma biografia de Franz Schubert.

Foi o nosso consultor quando nos deparávamos com problema do vernáculo, a ele recorriamos quando necessitávamos de uma versão ou tradução das línguas de seu conhecimento. Também a ele recorriam e pelos mesmos motivos os que estavam elaborando pesquisas ou confeccionando teste. E a

todos atendia com um sorriso nos lábios e sempre disposto.

Em sua vida profissional devemos destacar sua atividade, logo após a formatura, como assistente voluntário da Cátedra de Moléstias Infecciosas, então sob a chefia e orientação do nosso inesquecível mestre. Prof. Clementino Bourroul. Em seguida passou a exercer atividades de Consultor Científico de um laboratório de produtos farmacêuticos.

Participou da fundação da Sociedade de Estudos Médicos, desta Capital, chegando a ocupar a sua presidência, e na qual apresentou trabalhos de vulto sobre hormoneioterapia e sobre Aspectos Endócrinos do Cancer.

Com o Prof. Domingos Delascio, de quem foi, durante decênios, grande colaborador, conquistou o Prêmio "José Cúrcio", da citada Sociedade Médica, com o trabalho "Insuficiência ovariana".

Em 1964 foi convidado para trabalhar no Instituto da Saúde, na Divisão da Saúde Maternal e da Infância. Em 1974, por concurso, conquistou o lugar de "Pesquisador" do referido Instituto.

Certo estamos de que o Clemente elaborou muitos outros estudos. A sua modéstia, porém, sempre os encobriu. Disse alguém com muito acerto que o Clemente foi, entre nós, o médico que mais teses elaborou... referindo-se à sua preciosa colaboração na tradução e versão de trabalhos científicos necessários para a confecção do trabalho e na revisão do vernáculo.

Era de temperamento irrequieto, voltado ao estudo, ao desenvolvimento cultural, obediente ao preceito do próprio Goethe de ser o homem chamado para o desenvolvimento e para o movimento, as duas formas gerais, nas quais se manifestam todas as outras, particularmente as formas sensíveis.

O seu campo de Cultura Geral era extenso: conhecia como poucos as Literaturas Brasileira, Portuguesa e Alemã; entendia de Música, particularmente de Ópera, e das Artes Plásticas. No setor operístico eram familiares os trabalhos, Letra e Música, de compositores alemães e italianos. Sabia apreciar, em cada intérprete, as características vocais, dos gestos, da postura, tecendo comentários de real conhecedor das regras da boa interpretação.

Em nosso tempo de acadêmicos, foi o redator-chefe do Jornal do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", "O Bisturí", então dirigido pelo colega e inseparável amigo Luís Oriente, no qual colaborou tanto em prosa como em verso.

Naquele tempo, quando o Centro tinha em sua sede um piano, mesas de ping-pong, bilhar e tableiros de xadrez

e de dama, ali nos reuníamos, antes e após as aulas, para praticarmos ou apreciarmos os numerosos "pianistas" e campeões dos jogos de mesa. Ali não faltava o Clemente à frente de u'a mesa de xadrez, em difícil resolução de um problema; era ele tão exímio nesse jogo de inteligência que, por algumas vezes, tornou o nosso Centro Acadêmico campeão nas competições anuais da "MAC-MED".

Na noite inesquecível da nossa formatura, foi ele o nosso orador oficial. Seu discurso eivado de conceitos certos sobre o ensino e a prática da Medicina, bem como dos problemas da Saúde Pública de então, revelou-nos uma faceta de sua personalidade, totalmente desconhecida de todos nós, seus colegas: a de estudioso e conhecedor da problemática nacional daquela época da Medicina, tanto no complexo das orgânicas, quanto das condições ambientais e psicológicas do nosso povo.

Foi excelente filho e, em decorrência, foi estremoso esposo e pai, profissional, colega e cidadão.

Católico praticante, norteou sua vida nos preceitos rigorosos da religião. Sua fé era fundamentada em base da certeza segura, inabalável e na persuasão firme que não deixa lugar à dúvida. Pelos seus conhecimentos teológicos foi sempre escolhido para ministrar aulas aos fiéis de sua paróquia e palestras nos Cursos para Noivos e nos Encontros de Casais com Cristo.

Homem bom e compreensivo, estendeu a prática da bondade até após a morte: doou seus olhos a necessitados.

À simplicidade de suas atitudes alia-se o temperamento alegre e expansivo; acolhia a todos com um sorriso aberto e sincero.

Nunca falou de si. Tinha a habilidade de ocultar as capacidades. Nós, aos poucos e com a convivência, notávamos nele uma personalidade impar no saber, na bondade e na simplicidade.

Foi amigo de todos e por todos era admirado e estimado.

Deixou-nos a lacuna de sua ausência, preenchida pela saudade não só do seu vulto, mas principalmente de suas capacidades intelectuais e das suas virtudes.

Assim o recordaremos sempre. Por isso, para nós, Joaquim Clemente de Almeida Moura, o Clemente, o Moura, não morreu. Apenas está ausente e temporariamente.

Lemos, certa vez, num epitáfio "Não morreu quem é sempre recordado"; não morrem — como cantou Camões — "aqueles que, por seus feitos, se vão da lei da morte libertando".

O nosso Clemente, o Moura, é um deles.

**Departamento Cultural:** Presidente: Duillo Crispim Farina

**Comissão Executiva:** Guido Arturo Palomba; João Carvalhal Ribas; Maria do Carmo Dias dos Santos Batista; Oswaldo Galotti; Silvio Marone; Walter Belda